

www.revistanascente.com.br

Ano XXIX • Nº 176
Av / Elul 5781 • Jul / Ago 21

NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

**DINHEIRO
EM XEQUE
A Mochila**

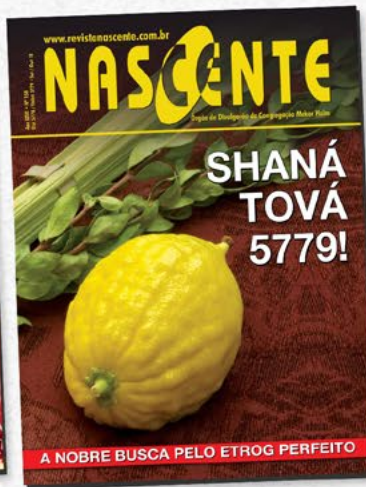
**DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
Gordo**

**EDUCAÇÃO
Shiduchim**

**TRUQUES
E DICAS
Flores e Plantas**

ANUNCIE NA REVISTA DE ROSH HASHANÁ

SEJA VISTO POR MILHARES DE PESSOAS





Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



0800-891-6701

Ou doe diretamente: www.kupat.org





Nº 176

Capa:

Flores e Plantas.

Truques e Dicas, pág. 42.

TRUQUES E DICAS Flores e Plantas

Expediente

A revista Nascente é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



09

Educação "Shiduchim".

R. I. Dichi

07

Dinheiro Em Xeque "A Mochila".

Rabino I. Dichi



12

Personalidade "Moshê Dadon, o Artista de Tsfat".

16

Comemorando "Elul".

Rabino I. Dichi

34

Variedades II "Gratidão".

44

Pensando Bem "Pensamentos".

Daniel Faour

28

Visão Judaica II "Viver Com Alegria".

Rabino Daniel Faour

37

Leis e Costumes I "Leis Referentes à Amidá".

Rabino I. Dichi



36

Era Uma Vez
"Pedras ao Mar".



24

Saúde
"Primeiros Socorros em Traumatologia".



42

Truques e Dicas
"Flores e Plantas".



48

De Criança Para Criança
"Gordo".
Chayim Walder

20

Visão Judaica I
"O Livre Arbítrio e a Ajuda dos Céus que o Acompanha".
Rabino I. Dichi

23

Variedades I
"Do Seminário Para a Yeshivá".
Rabino Kalman Packouz z"l

31

Visão Judaica III
"Cegos Voluntários".
Rabino Elie Bahbout

45

Datas e Dados
"Datas e horários judaicos, parashiyot e haftarat para os meses de Av e Elul".

40

Leis e Costumes II
"Desvio de Atenção na Refeição e Leis do Hóspede".
Rabino I. Dichi

26

Quem Sabe Responde
"Um Desafio à Sua Sabedoria".

Vez por outra ouve-se alguém perguntar: “Quem escreveu a *Torá*?”.

Além da resposta mais lógica, ouve-se de tudo: que Moshê era um líder muito culto e escreveu a *Torá* por conta própria; que um punhado de pessoas escreveu a *Torá* no deserto; que ela foi sendo escrita aos poucos em diversas épocas...

A polêmica em torno deste assunto se resume a responder duas perguntas: “Como podemos saber se os fatos descritos na *Torá* realmente aconteceram?” e “Como sabemos que a *Torá* foi entregue por D’us e que não é obra do homem?”

Há inúmeras provas da veracidade da *Torá* e dos seus relatos. Neste pequeno espaço expomos três delas: a dos “peixes com escamas”, do “ano sabático” e da “conquista da Terra de Israel”.

No *Talmud* consta que “todo peixe que tem escamas também possui barbatanas”. Há 1.500 anos atrás uma pequena parte dos rios e mares era conhecida pelos homens. Quem ousaria fazer tal afirmação a não ser o Criador dos peixes? E mesmo que um homem arriscasse qualquer palpite parecido com este, qual a probabilidade de estar correto? Zero. Existem centenas de milhares de espécies de seres marinhos. Muitas desconhecidas até hoje.

Na *Torá* consta a proibição de trabalhar a terra no “ano sabático”, que é o último ano de cada ciclo de sete. Somente D’us poderia afirmar (*Vayicrá 25:20 e 21*): “E se disserdes: ‘O que comeremos no sétimo ano, visto que não havemos de semear nem recolher o que a terra nos produzir?’ E Eu mandarei a minha bênção para vós no sexto ano e produzirá para os três anos (para o sexto, para o sétimo e para o oitavo, até que se colha a nova produção).” Quem ousaria garantir tal produção? E caso não se realizasse a promessa, quem continuaria a dar crédito à *Torá*? Se continuaram a dar crédito, é porque a promessa se concretizou!

O mesmo poderíamos pleitear em relação à promessa de conquistar a Terra de Israel. O Povo de Israel não era um povo guerreiro. Como poderiam, de forma natural, vencer os poderosos e famigerados reis assentados na Terra de Israel? Quem poderia afirmar (*Devarim 31:3*): “O Eterno teu D’us, Ele passará diante de ti, Ele destruirá estas nações diante de ti e as herdarás”? Caso ocorresse uma ou duas derrotas do Povo de Israel, quem continuaria a dar crédito à *Torá*? Se continuaram a dar crédito, é porque a promessa se concretizou!

As pessoas “desperdiçam suas vidas” seguindo doutrinas e filosofias estranhas por falta de conhecimento da *Torá*.

Mesmo após tomar conhecimento de declarações tão lógicas quanto as citadas, por que muitas pessoas permanecerão insensíveis, sem refletir melhor sobre o assunto? Porque serão parciais na avaliação! Quando há interesses particulares em jogo, a avaliação tende a ser parcial e injusta.

Quais são, então, os interesses particulares envolvidos neste caso? O que as pessoas têm a perder se concluírem que o caminho da *Torá* é o verdadeiro? Dois fatores compõem a resposta: 1. Admitir que estavam enganados por tanto tempo. 2. Ter de carregar o “fardo” das obrigações religiosas.

Para minimizar estes obstáculos, talvez seja proveitoso levar em consideração dois fatores: Não é um descrédito admitir uma conduta errada. Quem procede assim é denominado de “*báal teshuvá*”. O *báal teshuvá* pode atingir elevados níveis espirituais que outros não conseguem. Quanto ao segundo item, o que parece ser um fardo acaba por se revelar uma enorme satisfação.

Se o questionamento das próprias atitudes é tão saudável, reflita sobre o assunto e responda honestamente: Quem escreveu a *Torá*? ■



A Mochila

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Efráyim era um sujeito um tanto impulsivo.

Certo dia, ao chegar no seu local de trabalho, observou que a mochila de outra pessoa estava na sua cadeira. Sem perder tempo, pegou a mochila e arremessou-a com brutalidade para o outro lado da sala.

A mochila acabou caindo na cadeira de Reuven, que também era uma pessoa nervosa e mal educada.

Reuven, por sua vez, também pegou a mochila e jogou-a com violência para longe dali.

Pouco tempo depois chegou Levi, o dono da mochila, e viu-a jogada no chão.

Quando Levi abriu sua mochila, quase desmaiou... Seu computador *laptop* novinho, que estava dentro da mochila, estava todo espati-

fado! Levi tinha gasto muito dinheiro naquela máquina nova.

Agora, Levi está cobrando o prejuízo de Efráyim e de Reuven. Porém, cada um deles está alegando que não foi ele quem quebrou o aparelho, e sim o outro.

Qual a lei neste caso?

O Veredito

O *Rav Yitschac Zilberstein* diz que, aparentemente, a lei neste caso é que os dois estão isentos de pagar para Levi.

Como não sabemos quem de fato quebrou o computador, se foi Efráyim ou Reuven, não podemos exigir o pagamento de nenhum deles. Isso porque existe uma regra no caso de litígios monetários: “Quem quer tirar algo do ou-

tro, precisa trazer uma prova de que o outro é culpado para poder retirar.”

O *Shulchan Aruch*, código de leis judaicas, cita o seguinte caso, semelhante ao caso em questão (Chôshen Mishpat 400, 2):

“Dois bois de donos diferentes estavam perseguindo um outro boi, que pertencia a um terceiro dono.

“Um dos dois bois perseguidores atingiu e feriu o boi perseguido na frente de testemunhas oculares. Mas as testemunhas não conseguem afirmar qual dos dois perseguidores foi o que feriu o outro. Assim, não sabemos qual dos dois causou o dano.

“O dono do boi ferido vai ao tribunal e exige o pagamento dos danos causados ao seu patrimônio. Ele exige que os outros dois donos paguem o prejuízo.

“Os donos dos dois bois se acusam mutuamente, dizendo que foi o

boi do outro que causou o prejuízo, e não o seu.

“Neste caso, a lei é que ambos estão isentos de pagar pelo dano causado ao outro boi, já que não há provas de quem foi o culpado.

“Para o dono do boi ferido ganhar a causa e retirar o dinheiro de um dos acusados, teria de trazer uma prova definitiva contra um deles.”

No nosso caso, da mesma forma, como Levi não tem uma prova definitiva de quem quebrou seu computador, não pode obrigar nenhum dos dois a pagar o prejuízo.

O *Rav* Zilberstein acrescenta, entretanto, algumas considerações sobre este caso:

Levi não pode exigir o pagamento por que não temos certeza de quem efetuou o dano.

No entanto, caso haja uma pe-
rícia que comprove que, da distân-

cia que Efráyim jogou a mochila, o computador certamente seria quebrado, Reuven precisa pagar todo o prejuízo. Neste caso, que o computador certamente foi quebrado por Efráyim, mesmo que Reuven também tenha jogado a mochila depois, não se cobra nada dele, pois é como se tivesse “quebrado um objeto já quebrado”.

Do semanário “Guefilte-mail”
(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagoan Yitschac Zilberstein Shelita
Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulchan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

Daf Hayomi

DAF HAYOMI >> NEDARIM

Nedarim 14

Fechar

Clique e arraste

NEDARIM

Nedarim 2 - 26/mar/15	31m51s
Nedarim 3 - 27/mar/15	38m49s
Nedarim 4 - 28/mar/15	41m52s
Nedarim 5 - 29/mar/15	33m26s
Nedarim 6 - 30/mar/15	11m18s
Nedarim 7 - 31/mar/15	33m23s
Nedarim 8 - 01/abr/15	28m19s
Nedarim 9 - 02/abr/15	30m42s
Nedarim 10 - 03/mai/15	33m20s
Nedarim 11 - 04/mai/15	34m49s
Nedarim 12 - 05/mai/15	42m52s
Nedarim 13 - 06/mai/15	31m17s

Próxima

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no Portal Judaico Brasileiro

www.revistanascente.com.br

Aulas de TODAS as páginas publicadas!

www.revistanascente.com.br



Shiduchim

A questão de shiduchim – escolher o cônjuge para os filhos – também diz respeito aos pais dos jovens.

Rabino I. Dichi

Não é possível determinar uma idade exata para se começar a procurar o *shiduch* (o noivo, a noiva) adequado para o filho ou para a filha. Por vezes, os pais desejam que o filho se case, mas ele ainda não quer. O filho pode alegar que ainda não está preparado ou que quer estudar – com a tranquilidade de um jovem solteiro – mais um pouco antes de casar.

Seja como for, não se deve obrigar um filho – tanto a casar quanto a não casar. Não se pode impor a um filho com 19 anos que pede para se casar, por exemplo, a obrigação de esperar mais três anos. Cada jovem é diferente dos demais e conhece suas necessidades. Neste caso, deve-se levar em consideração o pedido do filho, com seriedade, e começar a tratar do assunto.

Quando um jovem sente que já precisa se ca-

sar, deve ser ouvido. Se isso é verdade em relação a um jovem que estuda *Torá* e está a maior parte do tempo em ambientes saudáveis, quanto mais em relação a um jovem mais afastado, muito mais exposto a conceitos contrários aos da *Torá*.

Tudo o que diz respeito ao casamento deve ser uma resolução pessoal. É proibido impor decisões a um jovem nesse sentido: a idade que deve se casar, com quem deve se casar. Não obstante, os pais devem aconselhar seus filhos, procurar mostrar pontos de vista que eles podem não estar percebendo.

Muitos dos problemas de casamento ocorrem porque a pessoa não agiu segundo seus sentimentos, mas conforme pressões externas.

O *Rav Wolbe* é especialista neste assunto. Ele escreveu uma brochura de *hadrachá lechatanim* – orientação para os noivos. Nessa brochura ele

JACOB BENCHIMOL

SERVIÇOS DE PINTURA E SINTECO

ALTA QUALIDADE
RAPIDEZ E LIMPEZA
COM PREÇOS
IMBATÍVEIS!

97681-1553

JACOBEN1818@GMAIL.COM

AUTO CADIMA
MULTIMARCAS

3333-1333

NOVO ENDEREÇO
AL. BARÃO DE LIMEIRA, 526

As Melhores Ofertas em "0Km" com garantia oficial de fábrica

autocadima@gmail.com 94642-8881

Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site:
www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos?
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

WEducate
create your future

explica o que um jovem deve procurar em uma mulher. Além disso, ele define as diferenças de temperamento e de natureza entre um homem e uma mulher. São conceitos muito importantes, muitas vezes desconhecidos dos jovens. O mais interessante é que, no fim da brochura, ele traz várias orientações que ajudam o jovem a tomar uma resolução em relação a casar-se ou não com uma pretendente – quais os pontos mais importantes que devem pesar em sua resolução.

O Rav Wolbe conta que conversou com um jovem que estava prestes a se casar, mas não tinha coragem de ir ao casamento, pois dizia não sentir nada em relação à sua noiva. O rapaz tinha aceitado casar-se porque uma tia da avó disse que a moça era apropriada para ele. Os pais e a tia também tinham concordado...

Muitas vezes os familiares iludem o jovem, escolhendo o futuro cônjuge e afirmando que tudo vai dar certo depois. Mas não é bem assim. Por causa disso, aparecem muitos problemas no casamento.

Quando se vai para um casamento dessa forma, já se pode imaginar como será o futuro lar dessas pessoas. Se um jovem se encontra algumas vezes com uma pretendente e afirma não haver diálogo em comum ou qualquer sentimento, de maneira nenhuma de-

ve-se aconselhá-lo a seguir com os encontros. Se o rapaz ou a moça ficar em dúvida, pode pensar quanto tempo for necessário. Mas eles é que devem decidir por si. Se persistir a dúvida, então a resposta é: não prosseguir. É proibido a qualquer pessoa responsável decidir, no lugar do jovem, o que ele deve fazer.

O noivado é uma decisão muito séria, que exige grande responsabilidade. Antes de concretizar um noivado, os jovens precisam analisar bem se estão certos de suas decisões. Existe um costume entre os *ashkenazim* que torna o noivado ainda mais sério. Segundo esse costume, uma pessoa que já noivou e fez os *tenaim* não deve mais desistir do casamento. Em caso de desistência, deve-se realizar o casamento e em seguida o divórcio.

Tochechá – repreensão

Baseado na *guemará*, o Meiri, um dos sábios *rishonim*, determina que a faixa de idade para repreender o filho é dos dezesseis aos vinte e quatro anos.

A *tochechá* – a repreensão – é basicamente o esclarecimento de conceitos para outra pessoa. É necessário explicar ao jovem qual o comportamento correto em cada situação e ajudá-lo a revelar seu potencial. Sobre isso, o Meiri diz que a idade adequada para a *tochechá* é entre os dezesseis e os vinte e quatro anos. Isso não significa

HOPE®

Parabeniza a Congregação
pela divulgação dos valores
judaicos!

que antes disso não se deva advertir, esclarecer, mostrar o caminho. Mas o tempo mais adequado, quando se pode conversar com profundidade com os filhos, é esse período.

Conclusão

No *Midrash* (Bamidbar Rabá, 4) consta uma passagem impressionante sobre quem se exime de sua obrigação quanto à educação dos filhos:

“Eliyáhu *Hanavi* diz: todo aquele que procura aumentar a honra do Todo-Poderoso e diminuir a sua própria – a honra de *Hashem* aumenta e a sua própria honra também aumenta. Todo aquele que procura diminuir a honra de *Hashem* e aumentar a sua própria honra – a honra de *Hashem* permanece no seu lugar e a sua honra diminui.

“Certa vez, um sujeito estava na sinagoga com seu filho. Enquanto todo o público respondia o *Halel*, seu filho respondia banalidades, palavras fúteis. Disseram para o pai: ‘Veja o seu filho! Ele está respondendo coisas fúteis.’ O pai respondeu: ‘E o que eu vou fazer? Ele é uma criança! Que brinque!’ No dia seguinte, a criança novamente respondeu banalidades na reza. Disseram novamente para o pai: ‘Veja o seu filho! Ele está respondendo coisas fúteis.’ O pai disse novamente: ‘E o que eu vou fazer? Ele é uma criança! Que brinque!’ Todos os oito dias de *Sucot* o

menino falou coisas banais e o pai não disse nada para ele. Antes de terminar aquele mesmo ano, morreu o homem, sua esposa, seu filho, o neto e quinze pessoas daquela família. Restaram apenas dois homens: um manco e cego e o outro imbecil e perverso.”

Esse é um exemplo típico de alguém que se omite da obrigação de educar seus filhos. “Ele é criança, que brinque!” – essa alegação não é correta. Já citamos em outra oportunidade o quanto é importante educar os filhos quanto ao respeito e temor ao *bêt hakenêsset* e à *tefilá*.

A educação é uma responsabilidade grandiosa. Nosso objetivo na vida é zelar pelo penhor que *Hashem* nos entregou, por nossos filhos. Desenvolvê-los, criá-los e imbuir nas criança, através do exemplo dos pais, responsabilidades iguais às do pai e da mãe.

É importante saber oferecer ao filho uma vida de *Torá*, transmitir o calor da *Torá*. Não somente um “sentimento técnico”, o cumprimento de *mitsvot* mecanicamente. As crianças não podem ser educadas a possuir hábitos automáticos. Não devemos ensinar somente a forma de cumprir as *mitsvot*, mas a “alma” de cada *mitsvá*. Isso significa a alegria, a satisfação em cumprir a vontade de D’us. A cada *mitsvá* existe um conceito de “*hidur*” – realizar a *mitsvá* da forma mais bo-

nita, procurar a beleza da *mitsvá*. Os pais também devem tentar explicar o motivo das *mitsvot*. Além disso, devem acostumar seus filhos a enxergar a grandeza da natureza – as maravilhas da Criação.

Quando se semeia uma fé deste nível na criança, há esperanças de que, futuramente, ela queira elevar-se por si nos degraus da *Torá*. Quando ela possuir essa vontade de subir, teremos alcançado a finalidade da educação.

Todo o tempo que os filhos ainda dependem de nossos estímulos para elevarem-se espiritualmente, é sinal que não atingimos a finalidade da educação.

A educação é comparada com as luzes acesas no *Bêt Hamicdash*. Sobre o acendimento das chamas da *Menorá*, consta na *Torá*: “*behaalotechá et hanerot*”, o que significa que o *cohen* deveria acender o pavio até que a chama pudesse se elevar por si. Da mesma forma, o pai precisa acender a alma da criança até que a chama do amor à *Torá* suba sozinha.

Baruch Hashem, aqui terminamos o estudo deste livro extraordinário que deve mudar bastante nosso comportamento em relação aos nossos filhos.

Rabino Isaac Dichi, baseado em
“*Zeriá Uvinyan Bachinuch*” do
Rabino Shelomô Wolbe Shelita

O judaísmo
mais perto de você!

editora & livraria
SEFER
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br



Dr. Elias J. Zagury
Cirurgião Dentista
CRO-SP 143368

Clinica Geral e Endodontia

Av. Marquês de São Vicente, 1619. Conj. 705
São Paulo-SP
E-mail: elياهو.zagury@gmail.com
(11) 962803615

IPL
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.

IP



Moshê Dadon, o Artista de Tsfat

No último mês de sivan completou-se um ano do passamento de um personagem que acompanhei por mais de uma década em Tsfat! O artista Moshê Morris Dadon z”l possuía uma relação direta com a comunidade judaica paulista, em especial com a Congregação Mekor Haim e com a Revista Nascente. Guardarei com saudades o lindo sorriso com que ele sempre me recebia em sua galeria!

Marcel Berditchevsky

Como guia turístico, por anos entrei na galeria de artes do conceituado desenhista Moshê Dadon levando clientes brasileiros. Mal entrávamos no estabelecimento e Moshê logo perguntava aos amigos brasileiros se conheciam o rabino da Mekor Haim e o editor da revista Nascente – imediatamente tirava uma revista da gaveta e mostrava uma das capas da revista Nascente. Repleto de satisfação de poder levar sua obra para o mundo, mas com grande humildade, contava a todos parte de sua discreta vida!

Segue um breve resumo de sua vida, que foi amplamente divulgado na mídia israelense sob o título: “O menino de Casablanca que foi escolhido para salvar os livros sagrados e tornou-se um artista que encantou o mundo!”

Moshe Morris Dadon possuía um talento singular desde a infância e, mais tarde, tornou-se um dos nomes mais famosos da arte da micrografia, conhecido até pela família real britânica.

Com a capacidade de escrever 63 letras por centímetro quadrado, o ex-investigador da polícia israelense conseguiu contar em suas micrografias a história dos mártires das IDF, dos judeus marroquinos e da cidade de Safed.

Quando o menino Moshe Morris Dadon completou oito anos de idade, ele estava entre as poucas crianças de sua comunidade dotadas de habilidades excepcionais. Ele conseguia escrever textos com letras minúsculas, ao mesmo tempo que demonstrava uma estabilidade impressionante nos movimentos de escrita e uma paciência extraordinária. Com o passar dos anos, Dadon desenvolveu sua habilidade e talento, tornando-se um dos artistas mais famosos do mundo judaico no campo da micrografia, a escrita de textos com letras minúsculas.

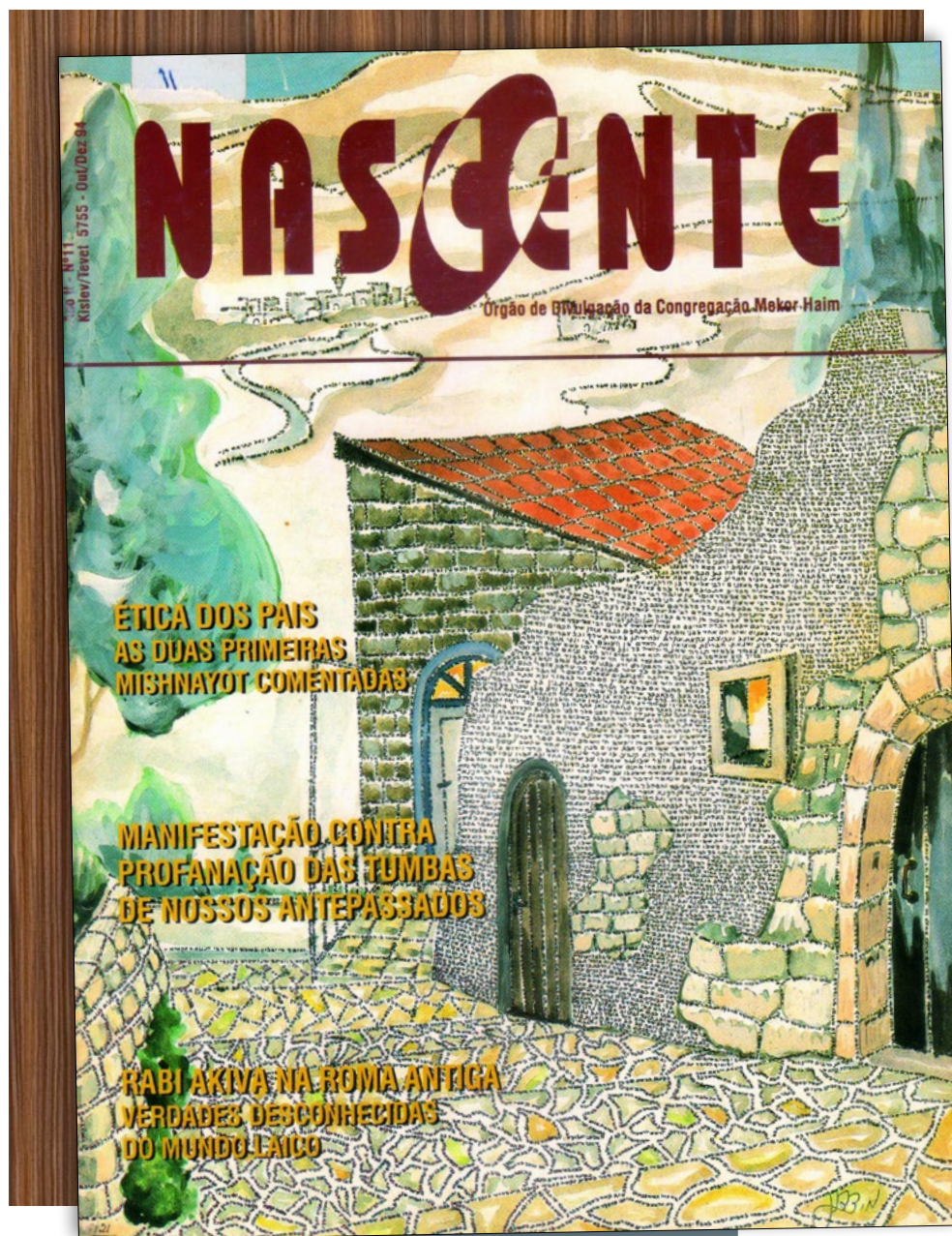
Além de escrever com letras muito pequenas, Dadon especializou-se na arte exclusiva judaica de decorar quadros escrevendo nos contornos das formas desejadas.

No ano passado, Dadon faleceu aos 78 anos de idade. Suas obras estão espalhadas por inúmeros lugares ao redor do globo. Decoram residências de líderes mundiais e de incontáveis visitantes da Cidade Velha de Safed, que entraram em sua galeria e foram cativados pelo encanto de suas pinturas especiais.

Moshe Dadon nasceu na cidade marroquina de Casablanca, frequentou a Alliance School e depois o *Talmud Torá*.

Com a crescente antipatia à comunidade judaica nos anos 40, o despertar do nacionalismo marroquino e a eclosão de hostilidades e pogroms em várias cidades do Marrocos, a comunidade judaica em Casablanca passou a temer o assédio dos não judeus.

Em 1948 o estado judeu de Israel acabara de ser criado. No dia seguinte,



Edição 11, novembro de 1994

Egito, Síria, Transjordânia e Iraque invadiram o recém-independente Israel para iniciar a guerra árabe-israelense de 1948. A revolta antissemita foi deflagrada em todo o mundo árabe, incluindo o Marrocos. Como resultado, os rabinos de Moshe começaram a procurar maneiras de continuar transmitindo a *Torá* sem atrair a atenção indesejada daqueles que buscavam destruí-los. A solução: treinar meninos para escrever pequenos rolos das escrituras sagradas, com letras muito pequenas, que podiam ser escondidos sob um colarinho ou na bainha de uma roupa.

A escolha das crianças para este ofício foi feita porque elas não estão sujeitas a algumas leis que se aplicam a adultos antes de escrever as escrituras. Um escriba está sujeito a leis como a imersão em um *micvê* antes de qualquer escrita e a leis que limitam os períodos em que pode escrever, entre outras.

A principal inspiração do menino Moshe Morris para esta atividade foi obtida de seu tio, o Rabino Hanania Peretz, que na época era o rabino da comunidade judaica de Casablanca.

O processo de treinamento dos meninos foi rigoroso. Assim, por exemplo, as crianças foram imersas em água gelada e então posicionadas para escrever. Neste teste, a estabilidade da mão que escreve foi examinada. As dez crianças que passaram pelo trei-



Edição 27, junho de 1997

Portal judaico brasileiro

NASCENTE

www.revistanascente.com.br

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica

Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi

Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour

E muito mais!

namento escreveram até mesmo dois pequenos rolos completos da *Torá*.

Há nove anos atrás, Moshe Dadon fez uma viagem com sua família ao Marrocos e tentou encontrar os dois rolos da *Torá* que ele escreveu quando criança com seus amigos, mas não obteve sucesso.

Em 1961, uma grande onda de imigrantes do Marrocos começou a chegar em Israel. No ano seguinte a família Dadon desembarcou no porto de Haifa. A família, sempre guardiã da tradição judaica, escolheu viver em Safed por ser uma cidade sagrada e pela proximidade ao túmulo do Rabino Shimon Bar Yochai em Meron.

Moshe Morris, que era militar, alistou-se no exército pouco depois. Ele era fluente em árabe e francês. “Seu hebraico era o hebraico sagrado, não o hebraico moderno que falavam”, afirmou sua filha Etty, acrescentando que o período de adaptação foi difícil para ele. “Ele precisou acostumar-se com a linguagem, com a mentalidade e com as normas militares.”

Depois de ser dispensado do serviço regular, Dadon voltou para Safed e alistou-se na polícia. Lá passou por um processo de treinamento como pesquisador, que desenvolveu suas virtudes de paciência, compostura e meticulosidade.

A família lembra dele pintando todas as noites e dormindo algumas horas, antes de ir trabalhar para a polícia. Como investigador de polícia, recebeu vários prêmios de excelência que estão guardados em um álbum junto com recortes de jornais que nararam crimes que ele ajudou a decifrar.

Em 1981 foi dispensado do serviço policial e passou a dedicar-se exclusivamente à arte em uma galeria próxima à sinagoga do Rabino Yossef Caro na Cidade Velha.

Segundo seu filho Harel, as pintu-

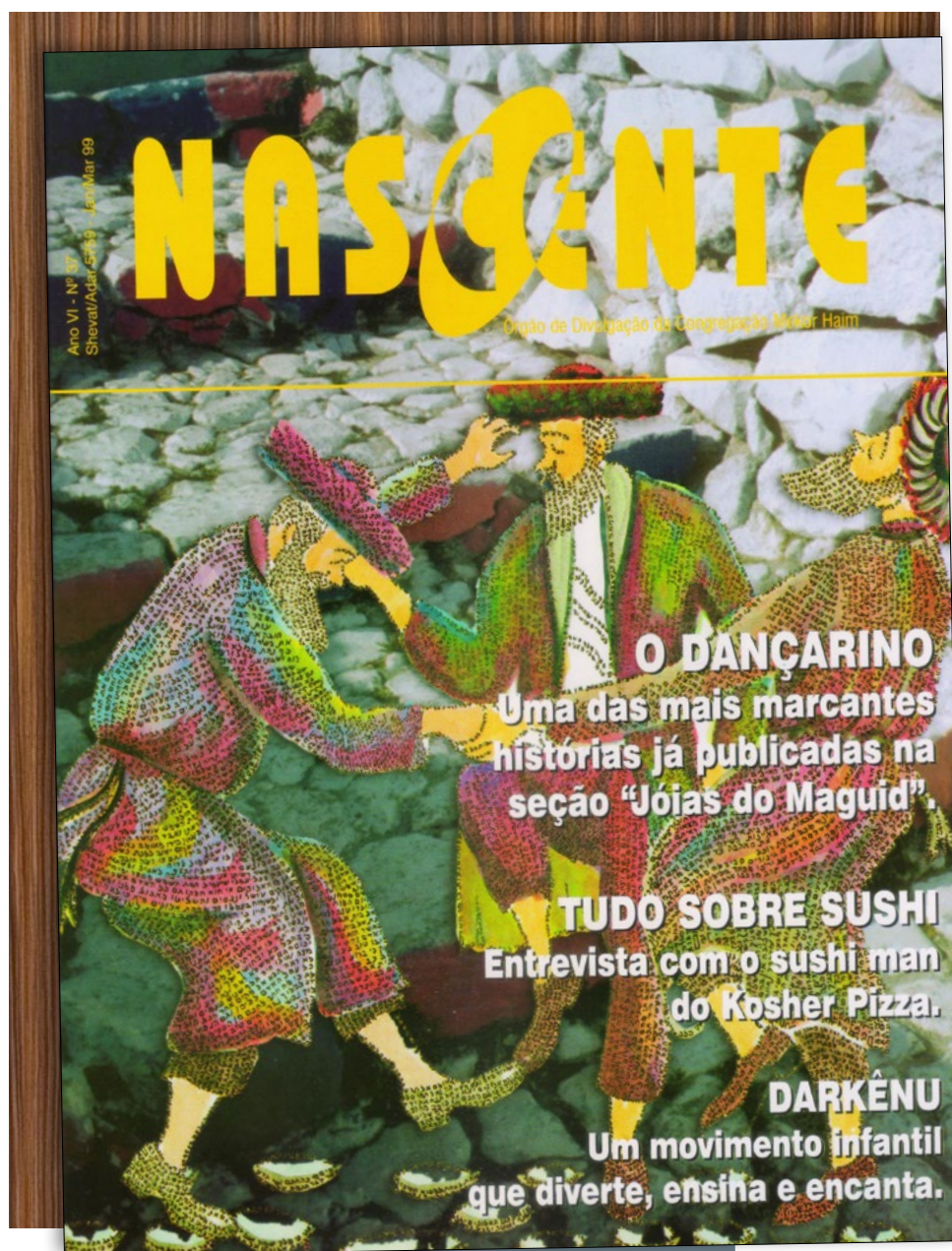
ras eram feitas a mão livre e sem o auxílio de lupas. “Ele tinha uma mão treinada e estável, grande autodisciplina e paciência. Escreveu o Livro dos Salmos em uma obra que levou um ano e meio para ser concluída”, disse Harel. Uma de suas obras mais famosas é “O Violinista no Telhado”. Esta peça tornou-se um best-seller mundial.

Ao longo dos anos realizou muitas exposições no exterior e suas pinturas ficaram famosas. Em certa ocasião, a comunidade judaica na Inglaterra ofereceu uma pintura de Dadon ao Prín-

cipe Charles.

Moshê Dadon demonstrou seu amor pela Cidade Velha de Safed em muitas obras. Segundo sua filha Etty “o amor pela cidade estava gravado em seu coração, e ele sentia-se uma espécie de embaixador ou mensageiro dela.”

Moshe Dadon foi sepultado no cemitério de Safed em junho de 2020. Sua família garantiu que a galeria de artes continuaria a funcionar e a lembrança de seu pai continuaria a emanar dos becos da cidade que ele tanto amava. ■



Edição 37, janeiro de 1999

Elul

No “Zôhar Hacadosh” consta que Yaacov e Essav dividiram os meses do ano. Alguns meses ficaram sob a influência de Yaacov e outros sob a influência de Essav.

Rabino I. Dichi

Na divisão dos meses entre Yaacov e Essav, os meses de nissan, iyar e sivan ficaram com Yaacov. Em nissan comemoramos Pêssach. Em iyar fazemos a sefirat haômer. Em sivan comemoramos a Outorga da Torá. Os três meses seguintes, em princípio, ficariam sob a influência de Essav: tamuz, av e elul.

Entretanto, desses três meses, Essav acabou ficando somente com *tamuz* e uma parte de *av*. Yaacov *Avínu* tirou dele todo o mês de *elul* e parte do mês de *av*.

Qual passagem da *Torá* nos ensina isso?

Depois de sair da casa de Lavan, Yaacov encontrou-se com Essav. Nesse encontro, Essav fez uma proposta para Yaacov (Bereshit 33:12): “*Nis-sá venelecha veelechá lenegdecha* – Viajemos e vamos, e eu irei no mesmo passo de ti.” Essav sugere a Yaacov que viajem juntos. Yaacov responde para ele (33:13-14): “Meu senhor sabe que as crianças são tenras e se as ovelhas e as vacas que têm cria se fatigarem em um só dia, morrerá todo o rebanho. Passe, meu senhor, rogo, diante de seu servo, e eu irei devagar conforme o trabalho que está diante de mim e conforme o passo dos meninos até chegar a meu senhor, a Seir.”

É evidente que Yaacov *Avínu* não queria andar junto com Essav para poupar sua família da eventual má influência dele.

Nossos livros sagrados trazem que, nesta passagem, as primeiras letras das palavras “*vaani etnahalá leiti lerêquel* – e eu irei devagar conforme” formam a palavra “*elul*”. Foi nesse encontro que Yaacov *Avínu* conseguiu tirar de Essav o mês de *elul*.

Neste contexto, com as palavras “e eu irei devagar conforme o trabalho que está diante de

mim”, Yaacov estava afirmando que tem um trabalho de volta até o Todo-Poderoso, realizado no mês de *elul* e em *assêret yemê teshuvá*, e que não abre mão dos trinta dias de *elul*. Esses quarenta dias formam um bloco indispensável no processo de *teshuvá*.

Mais adiante na *Torá*, há uma outra passagem interessante relacionada com este conceito.

Bil’am foi o maior profeta dos outros povos. Quando Balac pediu para ele amaldiçoar o povo de Israel, Balac disse (Bamidbar 22:06): “*Veatá lechá ná ara li et haam hazê* – E agora vai, rogo-te, amaldiçoa para mim este povo.”

É interessante que as letras da palavra “*ara*” (amaldiçoa) – *álef, resh, hê* – são as iniciais de *elul* e *rosh hashaná*.

Qual era o medo de Balac e Bil’am? Eles temiam as poderosas “armas” de *Am Yisrael* – *elul, Rosh Hashaná, assêret yemê teshuvá, Yom Kipur*. Por isso, Balac disse para Bil’am: *ara li et haam hazê*. Num plano mais simples isso significa: amaldiçoa para mim este povo. Mas em um plano mais profundo, significa: resgata deles *elul* e *Rosh Hashaná*. Mas eles não conseguiram seu intento, pois Yaacov *Avínu* já tinha adquirido essa época no encontro com Essav.

Em relação ao mês de *av*, quando infelizmente aconteceu a destruição dos dois Templos Sagrados, até o décimo dia pertence a Essav, mas daí em diante não. Em *parashat Ki Tetsê* está escrito (Devarim 23:06): “*Velô avá Hashem Elokecha lishmoa el Bil’am* – E não quis Hashem teu D’us ouvir a Bil’am”. Em vez de “*velô avá*”, deveria constar a expressão mais comum “*velô ratsá*”. Mas a expressão “*velô avá*” é uma alusão ao fato de que o mês de *av* não foi entregue totalmente para Essav.

Além deste *rashê tevot* (acrônimo) que for-

ma “*elul*”, há outros quatro no *Tanach*. Estes acrônimos não são casuais. Não são apenas resultados fortuitos de uma pesquisa em computador. Eles representam ensinamentos profundos transmitidos por nossos sábios.

O primeiro *rashê tevot*, que vimos acima (*vaani etnahalá leiti lerêguel*), nos ensina que necessitamos do mês de *elul*. Yaacov *Avinu* capturou este mês de Essav e ele é imprescindível em nosso trabalho espiritual nesta época. Esses dias são um preparativo para *Rosh Hashaná* e, principalmente, para *Yom Kipur*. Seria trágico se *elul* estivesse sob a influência de Essav. *Yom Kipur* é o dia sobre o qual consta: “*Lifnê Hashem tit’háru* – Perante D’us vocês se purificarão”. Em *Yom Kipur* alcançamos o elevadíssimo nível espiritual de estarmos “perante *Hashem*”.

Dos outros quatro *rashê tevot*, três são mais conhecidos.

O mais famoso de todos está no *Shir Hashirim* (06:03): “*Ani Ledodi Vedodi li* – Eu estou para o meu Amado (D’us) e meu Amado está para mim”.

O outro é (Devarim 30:6): “*Umal Hashem Elokecha et levavechá veet levav zar’echa* – E circuncidará *Hashem*, teu D’us, o teu coração e o coração de tua descendência”.

O terceiro está em *Meguilat Ester* (09:22): “*Umishloach manot ish lereêhu umatanot laevyonim* – e de se enviar porções uns aos outros e presentes aos pobres”.

Esses três *rashê tevot* exprimem a essência do nosso trabalho em *elul* e *as-sêret yemê teshuvá*. Eles aludem às três condutas fundamentais que conferem méritos para se alcançar um resultado positivo em *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*: *teflá*, *teshuvá* e *tsedacá*, conforme o dito: “*Utfilá utshuvá utsdacá maavirim et roa haguezerá* – A oração a *teshuvá* e a *tsedacá* fazem passar o mal do decreto”.

“*Ani Ledodi Vedodi li* – Eu estou para o meu Amado (D’us) e meu Amado está para mim” representa a oração.

“*Umal Hashem Elokecha et levavechá veet levav zar’echa* – E circuncidará *Hashem*, teu D’us, o teu coração e o coração de tua descendência” representa a *teshuvá*.

“*Umishloach manot ish lereêhu umatanot laevyonim* – e de se enviar porções uns aos outros e presentes aos pobres” representa a *tsedacá*.

Analisemos agora o quinto *rashê tevot* que forma a palavra *elul*. Ele está em *parashat Mishpatim*. Lá a *Torá* relata sobre o *rotseach bishgagá* – alguém que infelizmente assassinou um companheiro de forma involuntária. A passagem que forma o acrônimo *elul* é (Shemot 21:13): “*Vehaelokim iná leya-dô vessamti lechá macom...* – E D’us lhe destinou (que o homem seja morto) por sua mão; Eu lhe assinalarei o lugar...”.

Nesta passagem a *Torá* trata de um sujeito que matou sem querer. Embora tenha causado uma morte de forma involuntária, certamente havia algum motivo para ter acontecido esta tragédia justo por seu intermédio. O *Talmud (Maccot)* ensina que dos Céus fazem acontecer situações louváveis às pessoas dignas de méritos e situações merecedoras de punição aos pecadores (*megalquelim zechut al yedê zacay vemegalquelim chová al yedê chayav*).

Embora o sujeito em questão tenha matado sem querer, a *Torá* atesta claramente que “D’us lhe destinou por sua mão”. Trata-se, portanto, de uma situação que praticamente estava preparada para ele. Ele merecia ser o causador da tragédia e o outro merecia morrer.

Sobre este assassino involuntário, a *Torá* diz que um parente da vítima – chamado de *goel hadam* – tem direito de matá-lo enquanto ele não fugir para uma cidade de refúgio.

Em *parashat Vaetchanan* (Devarim

04:42) a *Torá* escreve o seguinte sobre estas cidades de refúgio: “*Venás el achat min hearim hael vachay* – e fugirá para uma destas cidades e viverá”.

Com o termo “*vachay* – e viverá”, a *Torá* determina que se dê para este indivíduo condições de vida – tanto fisicamente quanto espiritualmente. Por exemplo, se ele tem um *rav*, o *rav* precisa ir junto com ele para a cidade de refúgio. Por conseguinte, se o *rav* tem outros discípulos, como é de se esperar, a *yeshivá* toda deve acompanhá-lo. O Rambam escreve que, para as pessoas que estão ligadas com a *chochmá* (sabedoria da *Torá*), sem a *chochmá* elas não são chamadas vivas.

Sob o ponto de vista espiritual, o estudo de *guemará* é tão importante quanto o pão e a água sob o ponto de vista material. Para este assassino involuntário, a *Torá* afirma que devemos encontrar meios para que ele continue vivendo – inclusive espiritualmente, com seu estudo da *Torá*.

O que acontece com um *guer* (um convertido sem parentes) que foi morto de forma involuntária?

A *guemará* (San’hedrin) diz que se estipula um *goel hadam* (vingador) para ele. Mesmo não tendo familiares, o indivíduo precisa de alguém que seja seu vingador. Qual o sentido desta determinação?

O *Rav David Shelita, Rosh Yeshivat Páchad Yitschac* e genro do *Rav Yitschac Hutner zt”l*, explica esta questão de forma brilhante.

Ele diz que este assassino, em dimensões normais, não teria mérito de continuar vivendo. A *Torá* afirma que ele pode continuar vivendo apenas em uma nova situação, em uma nova dimensão, nas cidades de refúgio. Todo o tempo que ele estiver fora destas cidades ele pode ser morto pelo *goel hadam*.

Sendo assim, entendemos por que se designa um vingador para quem as-

sassinou um convertido sem parentes. Porque para ele a *Torá* também diz: em dimensões normais você não tem mais mérito de viver.

Após analisar este raciocínio impressionante, podemos entender qual a ligação destas palavras, cujo *rashê tevot* é *elul* e o próprio mês de *elul*. Podemos fazer uma analogia entre o *báal teshuvá* (quem retorna ao caminho correto da *Torá*) e o assassino involuntário.

O mês de *elul* é a época mais apropriada para a *teshuvá*. O acrônimo “*elul*” nas palavras “*iná leyadô vesamti lechá*” nos ensina que existe uma ligação entre o assassino involuntário e o indivíduo que fez pecados e precisa fazer *teshuvá*.

Há uma passagem famosa no *Talmud Yerushalmi* (segundo capítulo do Tratado de *Macot*) que se encaixa perfeitamente nos conceitos que estamos analisando.

O *Yerushalmi* cita um versículo do *Tehilim* e disserta a respeito dele:

“*Tov veyashar Hashem – Hashem é bom e correto*”. Por que *Hashem* é bom? Porque Ele é correto. Por que Ele é correto? Por que Ele é bom.

A continuação do versículo é: “*al ken yorê chataim badárech – portanto, mostra o caminho para os pecadores*”. *Hashem* é bom e correto porque Ele mostra o caminho da *teshuvá*.

E qual o castigo do pecador?

A esta questão, a profecia respondeu que a alma que pecou deve morrer. A sabedoria respondeu que o mal deve perseguir o pecador. *Hashem* respondeu: “Que faça *teshuvá* e seja expiado seu pecado”.

Essa é a explicação do *Talmud Yerushalmi* sobre o versículo do *Tehilim* que afirma que *Hashem* é bom e correto porque mostra o caminho para os pecadores – porque Ele mostra aos pecadores o caminho da *teshuvá*.

Analisemos um pouco melhor estas

respostas.

Por acaso a profecia e a sabedoria são ruins? Elas querem que o sujeito morra ou seja perseguido pelo mal? Por que somente o Todo-Poderoso pode mostrar o caminho da *teshuvá*?

Vejamos: se eu estou devendo dinheiro para alguém, um terceiro não pode perdoar minha dívida. Ele não tem o direito de fazê-lo. O mesmo acontece em relação à profecia e à sabedoria. Elas respondem com naturalidade e objetividade. Elas não têm o direito de desculpar o sujeito, por que não foi para elas que ele pecou.

Hashem, Que é bom e correto, pode responder: “Que faça *teshuvá* e seja expiado seu pecado”.

É como se eu pedisse a um amigo mais um tempo para pagar uma dívida que não posso quitar hoje. Somente ele pode responder: “Tudo bem, eu te dou mais um tempo”.

Assim faz *Hashem*. Ele estica o prazo.

Nós pedimos para *Hashem*: “*Zochrénu lechayim, Mêlech chafets bachayim, cotvênu bessêfer chayim Lemaanach Elokim chayim – Lembra-nos para a vida, Rei que deseja a vida, escreve-nos no livro da vida, por Tua causa, ó D’us vivo*”. Nós pedimos para *Hashem* vida para viver por Sua causa, para fazer *teshuvá*. Pedimos mais uma chance para *Hashem*. Ele responde: “Tudo bem, você tem mais um ano. Até o próximo *Rosh Hashaná* você tem um crédito para Me pagar, para fazer *teshuvá*.”

A dissertação do *Talmud Yerushalmi* sobre o versículo do *Tehilim* “*Hashem é bom e correto, portanto mostra o caminho para os pecadores*” está no Tratado de *Macot*. Algumas linhas antes, está escrito que, no caminho das cidades de refúgio, havia sinalizações com flechas indicando o caminho mais rápido para as cidades de refúgio – para que o assassino involuntário pudesse

fugir do vingador.

Estas indicações no caminho do assassino involuntário também se encaixam na passagem: “portanto mostra o caminho para os pecadores”.

O sábio Ritbaz faz o seguinte comentário: “Por que entrou esta questão da *teshuvá* no tratado de *Macot* justo no capítulo que trata de quem mata de forma involuntária? Porque antes estava escrito “*miclat miclat – refúgio refúgio*”, e a *teshuvá* nada mais é do que *miclat*, um refúgio para a pessoa que pecou.

Depois desta análise do *Talmud Yerushalmi* e do comentário do Ritbaz, podemos entender qual é a relação do quinto acróstico que forma a palavra *elul*, sobre o assassino involuntário, e o próprio mês de *elul*.

Este acróstico transmite a impressionante lição de que o indivíduo que pecou está em uma situação análoga à do assassino involuntário. A única escapatória para o assassino é a cidade de refúgio, e a única escapatória para o sujeito que pecou é a *teshuvá*. *Elul* é a época mais apropriada para a *teshuvá*, e devemos aproveitar a bondade de D’us, Que nos mostra esta opção de fuga.

A *guemará* em *Pessachim* escreve que algumas coisas foram criadas antes do mundo. Uma delas é a *teshuvá*. Quer dizer que a *teshuvá* também é uma vida em outra dimensão. Em dimensões normais o pecador não tem mérito para viver. Por isso a profecia e a sabedoria disseram o que disseram.

Quem revelou o segredo da *teshuvá*? O Todo-Poderoso! Ele disse: “A solução do pecador é fazer *teshuvá* e ser expiado”. Ele revelou que existe, para um sujeito que pecou, a chance de viver em uma nova dimensão, porque a *teshuvá* foi criada antes do mundo e está, portanto, acima da natureza.

No início do *Shaarê Teshuvá*, o *Rabênu Yoná* escreve em relação à *teshu-*

vá: “Dentre as benfeitorias que o Todo-Poderoso fez com as Suas criaturas, Ele preparou o caminho para as pessoas se elevarem de suas atitudes vulgares e banais e fugirem dos seus pecados.”

Portanto, a *teshuvá* é uma fuga. Não uma fuga de nós mesmos. Isso seria grave!

A *guemará* escreve sobre o versículo “*Lô yihyê bechá el zar* – Não tenha em você um deus estranho”: “Quem é esse ‘deus estranho’ dentro da pessoa? É o *yêtser hará* – o mau instinto.”

Sendo assim, quando nós não somos nós mesmos? Quando pecamos. E quando voltamos a ser nós mesmos? Quando fazemos *teshuvá*.

Portanto, a *teshuvá* é uma fuga. Mas não de nós. Pelo contrário, é uma volta para nós mesmos.

Estes comentários da *guemará* e do *Rabênu Yoná* sobre a *teshuvá* complementam perfeitamente a dissertação do *Talmud Yerushalmi*. Agora temos uma visão muito clara da relação que existe entre o assassino involuntário (o quinto acrônimo de *elul*) e a *teshuvá* que deve ser realizada em *elul*. Da mesma forma que um sujeito que matou de forma involuntária só tem possibilidade de vida numa dimensão diferente, fugindo para as cidades de refúgio, o pecador também precisa de uma dimensão diferente para viver, a *teshuvá*, a única chance de fuga para retornar ao caminho da *Torá*.

Sigamos este raciocínio, de que a *teshuvá* é uma fuga que traz quem pecou de volta para perto de *Hashem*.

A *guemará* (Menachot 29) faz uma análise de algumas letras do *álef-bêt*, que *Hashem* escolheu para escrever a Sua *Torá*. Lá, a *guemará* explica que *Hashem* criou este mundo com a letra *hê* e o Mundo Vindouro com a letra *yod*. A *guemará* continua analisando a letra *hê*: “Por que este mundo foi criado com a letra *hê*? Por que ela se parece com um corredor. Todo aquele que quiser,

pode sair.” Sobre isso, Rashi explica: “Sair para onde? *Chas veshalom*, para o mau caminho.” As pessoas têm o livre arbítrio para fazê-lo.

Depois, a *guemará* responde a outras duas questões:

Por que há uma abertura pequena em cima da letra *hê*? Representa o caminho para aquele que saiu por baixo, se quiser retornar do mau caminho.

E por que ele não pode voltar pelo mesmo corredor que saiu? Não existe essa possibilidade.

Toda essa dissertação representa conceitos profundos e parece obscura em uma primeira análise. Mas há uma explicação admirável citada pelo *Rav Eliyáhu E. Desler* em nome do livro *Menorat Hamaor*. Antes de citá-la, é necessário lembrar de um exemplo do *Midrash Cohêlet Rabá*, citado no livro *Shaarê Teshuvá* do *Rabênu Yoná*.

Logo no início do *Shaarê Teshuvá*, *Rabênu Yoná* diz que os pecados de alguém que tarda em fazer *teshuvá* pesam mais a cada dia. É sobre isso que ele traz o exemplo do *midrash Cohêlet Rabá*:

“Um grupo de marginais foi preso pelo governo. Na prisão, fizeram um túnel e escaparam. Mas um deles ficou, apesar de que podia ter fugido junto.

“De manhã, o chefe da prisão encontrou o sujeito sozinho ao lado do túnel. Começou a bater nele e disse: ‘Infeliz! Você tem um túnel aberto e não foge para salvar a sua vida?!’”

Rabênu Yoná compara este sujeito com alguém que tem condições plenas de fazer *teshuvá*.

Este alguém somos nós. As portas da *teshuvá* estão abertas. Basta lembrar que perguntaram a *Hashem* o que deve acontecer com alguém que pecou e Ele respondeu: “Que faça *teshuvá* e seja expiado seu pecado”.

Agora já podemos trazer a explicação do *Rav Desler* sobre a pequena

abertura da letra *hê* citada pela *guemará*.

O *Rav Desler* questiona se existe alguma relação entre esta *guemará* e o exemplo do túnel? E responde, em nome do livro *Menorat Hamaor*, que sim.

Na *guemará* consta que, para fazer *teshuvá*, o indivíduo precisa voltar pelo vão pequeno da letra *hê* e não pelo corredor grande. Por quê? Porque há muitos promotores celestiais acusando o sujeito que está fazendo *teshuvá*, lembrando seus pecados cometidos. As acusações são muito consistentes, indicando que D’us não deve receber este sujeito. Sobre isso, consta que *Hashem* faz um túnel embaixo de seu trono celestial para receber o *báal teshuvá*.

Qual é este túnel? É a abertura do *hê*! Como o *báal teshuvá* não pode voltar pelo mesmo caminho, repleto de acusadores, é necessário que *Hashem* o esconda para recebê-lo.

Assim, logramos o entendimento da *guemará* em *Massêchet Menachot*.

Sobre todo esse pensamento, *Rav Desler* acrescenta um outro conceito. Ele diz que também podemos perceber o quanto a discrição, de uma forma geral, é importante. Até o Todo-Poderoso se comporta com discrição, escondendo o *báal teshuvá* dos promotores. Portanto, esta característica é básica para nós, especialmente para alguém que faz *teshuvá*.

É interessante notar que, quando falamos sobre “*báal teshuvá*”, passa pela cabeça de muitos de nós que se trata de um indivíduo muito distante, e que é uma grande *mitsvá* procurá-lo para trazê-lo de volta ao caminho da *Torá*. Certamente isso é verdade. Mas quando se menciona o *báal teshuvá*, não está se referindo somente a este, mas a todos nós, porque qualquer distanciamento nosso da *Torá* e das *mitsvot* faz com que precisemos fazer *teshuvá* e sejamos, portanto, denominados de *baalê teshuvá*. ■

O Livre Arbítrio e a Ajuda dos Céus que o Acompanha

Para todos, por mais afastados que estejam, surge durante a vida ao menos uma oportunidade de aproximação ao judaísmo.

Rabino I. Dichi

No livro “Chovot Halvavot”, no quarto capítulo do “Sháar Habitachon”, o *Rabênu* Bachyé *zt”l* escreve que todas as atitudes da pessoa, sejam boas ou ruins, são compostas por três fases:

1ª: A escolha do coração ou da consciência,

2ª: A decisão de colocar em prática o optado,

3ª: O esforço para colocar em prática a ação por meio dos órgãos do corpo.

À primeira vista, não está bem clara a diferença entre a primeira fase – a opção da pessoa – e a segunda – a decisão de colocar em prática o optado. Sobre esta questão, vemos um comentário no livro “Shaarê Tsiyon”, do Rabino Bentsiyon Halevi Bamberger *zt”l*. Ele explica que o simples fato de optar é considerado uma *mitsvá*. Ou seja: quando a pessoa opta por fazer uma *mitsvá*, por modificar sua má conduta, mesmo que ainda não tenha decidido colocar em prática tal opção naquele momento, já fez a *mitsvá* da escolha. Quando a estiver praticando, estará fazendo mais uma *mitsvá*. De qualquer forma, a *mitsvá* da “*bechirá*” – a escolha – já é um mérito seu.

Esta explicação do Rabino Bamberger *zt”l* está baseada no livro “Shaarê Teshuvá” (Sháar 3:17) do *Rabênu* Yoná, onde ele diz que os graus

espirituais mais elevados nos foram dados por meio das *mitsvot assê* (*mitsvot* positivas, de fazer algo). Como exemplos de *mitsvot assê*, o *Rabênu* Yoná traz o estudo da *Torá*, amar a D’us, temê-Lo e a *mitsvá* do livre arbítrio, como consta na *Torá* (*Devarim* 30:19): “*Uvachartá bachayim*” – E escolherás a vida. Portanto, o fato de a pessoa optar pelo bom caminho é uma *mitsvá* (uma “*mitsvat assê*”) por si só.

Mesmo depois de termos optado por fazer *mitsvot* e decidido colocar em prática nossa resolução, podemos pensar que não temos forças para concretizar nosso anseio. Temos a impressão de que somos limitados em nossas possibilidades e, como contamos apenas com nossa força e nossa vontade, isto não será suficiente para concluir o planejado. Devemos saber, no entanto, que a partir do momento em que a pessoa opta por seguir o caminho da *Torá* e das *mitsvot*, ela não está só no caminho escolhido, mas sim, há uma dose de ajuda dos Céus – “*siyatá Dishmayá*” – para que ela possa seguir este caminho.

Este pensamento é comentado pelo *Rabênu* Yoná sobre uma passagem do *Pirkê Avot* (4:2), onde a *mishná* diz: “*Ben Azay omer: Hevê rats lemitsvá calá uvorêach min haaverá, shemitsvá gorêret mitsvá, vaaverá gorêret averá,*

shessechar mitsvá: mitsvá, uschar averá: averá” – “Diz Ben Azay: ‘Corra atrás da *mitsvá*, mesmo que ela esteja entre as consideradas *mitsvot* menos rígidas, e fuja do pecado, pois uma *mitsvá* atrai outra *mitsvá* e um pecado atrai outro pecado; a recompensa da *mitsvá* é a oportunidade de fazer outra *mitsvá*, e quando optou pelo pecado, automaticamente vêm outros pecados atrás”. *Rabênu Yoná* comenta, então, a passagem “*Sechar mitsvá: mitsvá*” – A recompensa de uma *mitsvá* é outra *mitsvá*. Isso quer nos ensinar que depois que a pessoa faz uma *mitsvá*, a própria *mitsvá* o ajuda a fazer outra. Um dos méritos que se tem por fazer uma *mitsvá* é a recompensa de uma “ajuda extra” para cumprir outra. Uma vez que o fato de optar por fazer uma *mitsvá* já é uma *mitsvá*, isto proporcionará a “ajuda extra” necessária para cumprir outras *mitsvot* – conseguir concretizar sua opção, bem como fazer outras *mitsvot*. Vemos, portanto, que ao optar pelo caminho das *mitsvot*, D’us fica junto da pessoa para auxiliá-la a seguir este caminho.

Este mesmo pensamento é comentado pelo livro “*Bêt Elokim*” (*Sháar Hateshuvá*, cap. 1), que traz o versículo do Profeta Yeshayá (57:19): “*Shalom, shalom larachoc velacarov*

amar Hashem urfativ” – *Shalom* ao distante e *shalom* ao próximo disse D’us e os curarei. A pessoa que pecou é considerada distante de D’us; porém, a partir do momento em que prepara seu coração para a *teshuvá*, arrependendo-se do passado, e dá o primeiro passo para sua recuperação espiritual, optando por mudar sua conduta, a ajuda dos Céus vem, conforme consta no *Talmud (Yomá 38a)*: “*Bá litaher, messayein otô*” – Quem vem se purificar, ajudam-no. É para esta pessoa que o versículo cita o primeiro “*shalom*”. Quando a recuperação da pessoa já é um fato, após seu arrependimento e pelas suas boas atitudes na prática das *mitsvot*, D’us lhe dá o segundo *shalom* citado no versículo, pois agora já é considerado “próximo”.

Vemos ainda, no início do livro “*Shaarê Teshuvá*” a seguinte colocação: “*Ki yaazor Hashem lashavim caasher en yad tivam massêquet*” – D’us ajuda a pessoa que faz *teshuvá* de uma forma sobrenatural, coisa que com suas forças naturais não conseguiria alcançar.

De todas estas passagens vemos, então, que a partir do momento em que optamos pelo caminho da *Torá* e das *mitsvot*, não estamos sozinhos, mas D’us nos acompanha e nos ajuda para desenvolvermos este belo cami-

nho da melhor forma possível.

Analisemos agora a importância da responsabilidade que temos em relação à nossa escolha e sobre suas consequências.

O Rabino Eliyáhu Eliêzer Desler *zt”l*, em seu livro “*Michtav Mee-liyáhu*” (vol. I, pág. 115) nos diz que quando uma pessoa resolve transgredir um mandamento de D’us, a responsabilidade desta “*bechirá*” – escolha – é exclusiva dela. E a este respeito disseram nossos sábios (*Kidushin 20a*): “*Avar adam averá veshaná báh, hutrá lô*” – Transgrediu uma *mitsvá* e repetiu o erro, passou a ser-lhe permitido. O *Talmud* questiona esta afirmação: “Como pode ser permitido a alguém fazer um pecado somente porque já o cometeu anteriormente?!” E responde: “*Naasset lô keheter*” – Aos olhos dele fica como se fosse permitido – pois perdeu a sensibilidade em relação ao pecado, apesar de que continua pecando a cada vez que comete o erro. A partir da segunda vez que cometer o pecado, não lhe será cobrado por fazer a *bechirá* – a escolha – errada, uma vez que esta já foi feita na primeira vez e agora já não tem sensibilidade suficiente para optar. Cada vez que agir errado, então, será punido por ter transformado o pecado em algo permitido, moti-

Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso para a Congregação em todos os seus empreendimentos.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da revista

NASCENTE

Cabe aos consumidores indagar sobre a supervisão rabínica



ANUNCIE AQUI!

Anunciando na **NASCENTE** seus conhecidos e amigos serão também seus clientes e você ainda estará colaborando para a divulgação dos valores judaicos!

vo que o levou a transgredi-lo sem ter *bechirá* – a escolha. O procedimento correto neste caso é um trabalho interior de *teshuvá* – retorno ao caminho correto, arrependimento – tendo em vista sempre em que está falhando.

Vemos, portanto, a grande responsabilidade que temos ao cometer um pecado nas primeiras vezes, pois o peso de todas as futuras faltas cairá sobre esta opção errada e fará com que o pecado lhe pareça uma coisa permitida. Por isso, é errado pensar que ao fazer uma *averá* – transgressão – estaremos pecando somente com esta ação. Mais grave ainda que isso é o fato de esta opção tornar o pecado rotineiro.

Nos casos em que as pessoas crescem com uma conduta ruim, sem saber qual é o modo correto de agir, são consideradas “*ketinoc shenish-bá*” – como uma criança raptada por um não judeu (e acostumada com seu modo de vida). Neste caso, a cobrança pelas transgressões que pratica será pelo fato de não ter procurado estudar sobre o que é correto e verdadeiro e por não ter procurado sua origem. Um conceito importante no judaísmo é que para todos, por mais afastados que estejam, surge ao menos uma oportunidade de aproximação ao judaísmo. Logo, é importante saber

aproveitar esta oportunidade.

Quando meditamos sobre as consequências de nossas opções, chegamos a conclusões fantásticas e até assustadoras: Qualquer escolha feita por nós, até mesmo pormenores que possam passar despercebidos, deixa-nos um marco, tanto para o bem como para o mal, que permanecerá durante todos os dias de nossas vidas, pouco ou muito. Esta opção influenciará, de alguma forma, o decorrer de nossa vida. Quando é uma opção positiva, seguindo o caminho da *Torá* e das *mitsvot*, este marco é positivo, e quando a opção segue o caminho do pecado, logicamente o marco é negativo.

Ainda mais assustador do que perceber que estas atitudes influenciarão nosso futuro, é reconhecer que influenciarão decisivamente a educação de nossos filhos e, portanto, também os descendentes destes. Por isso, a responsabilidade de uma opção hoje é enorme, ao ponto de influenciar os atos de todos os nossos descendentes por vir, mesmo depois de muitos e muitos anos!

Quando nos lembramos que o comportamento das pessoas influencia o meio em que vivem, chegamos à seguinte conclusão: Nossos atos têm uma força desmedida de influenciar as opções das pessoas que nos cer-

cam que, conseqüentemente, com seus atos, influenciarão outras pessoas também. É fácil perceber isso com exemplos simples: uma pessoa que é justa, honesta e bondosa, é um bom exemplo para outras pessoas que agirão baseadas nesta conduta também. Alguém que ensina a *Torá* a outros, que também ensinarão a terceiros, é a origem de uma cadeia sem fim de transmissões de ensinamentos. Da mesma forma, alguém que patrocina bons empreendimentos de valor espiritual, como lugares de estudo de *Torá* ou sinagogas, origina um infindável número de boas ações que decorrerão desta atitude, influenciando um incontável número de pessoas por todas as gerações futuras! E devemos nos lembrar também que, infelizmente, uma má atitude também tem o enorme poder de prejudicar infinitamente.

A responsabilidade por todas as consequências de uma atitude é inteiramente do indivíduo que a pratica. Vemos, então, que grande mérito tem um indivíduo quando sua escolha é positiva, pois dela serão derivadas influência sobre uma quantidade incalculável de pessoas. Por outro lado, quais serão as consequências de uma opção fora do caminho correto da vida, o caminho da *Torá* e de suas *mitsvot*? ■

David Abadi e Família

Desejam muito
sucesso material
e espiritual para
toda a *kehilá*.

“*Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.*”

Ética dos Pais 5:23

Do Seminário Para a Yeshivá

Esta é a história de um judeu que fez seu caminho de volta para D’us, para o Povo Judeu e para a Torá – ainda que de uma maneira realmente incomum.

Rabino Kalman Packouz z”l

Jonas criou-se no estado americano de Connecticut, numa família tão assimilada, que eles o matricularam num seminário, para que recebesse a “melhor educação”.

Educação, a propósito, deve significar uma orientação sobre como se viver com significado e com os valores de sua própria herança – e não apenas a capacitação para passar no vestibular.

Embora Jonas soubesse que era judeu, isto lhe fazia pouca diferença. Até que o professor de inglês pediu à classe que fizessem uma redação sobre alguém que fosse muito importante.

Quando o professor recebeu sua redação sobre *Rabi Akiva*, ele perguntou: “Por que você escolheu escrever sobre um grande rabino?”, e o garoto respondeu com simplicidade: “Porque sou judeu”.

O professor ficou surpreso em saber que tinha um aluno judeu e perguntou a Jonas se ele alguma vez havia estudado os Cinco Livros de Moisés (a Bíblia), ou a *Mishná*, que faz parte do *Talmud*. Quando Jonas lhe respondeu que não, o professor ofereceu-se para ensinar-lhe.

Eles passaram a estudar juntos durante uma hora depois do fim das aulas.

Um dia, ocorreu a Jonas que estudos judaicos não fazem parte do currículo usual para o sacerdócio. Então ele perguntou a seu mentor:

“Como você se tornou tão conhecedor da *Torá*?”.

O professor respondeu: “Antes de entrar para o seminário, viajei para Israel. Quando estava visitando o Muro das Lamentações, um homem perguntou se eu era judeu. Curioso sobre o motivo da pergunta, eu respondi: “Sim”. O homem então me perguntou se eu estaria interessado em aprender sobre minha herança. Achei que seria interessante e respondi: “Lógico!”.

Ele me levou a uma *yeshivá* na Cidade Velha de Jerusalém e eu fiquei tão impressionado, que passei lá quase um ano, sem nunca revelar que eu não era de fato judeu. Pensei em me converter, mas decidi que seria muito difícil e um choque muito grande para minha família; e eis-me aqui!”

Jonas continuou a crescer em seus estudos judaicos. Com seu amor pelo judaísmo aumentando, após alguns meses decidiu seguir o judaísmo em tempo integral e pediu ao professor uma sugestão de um lugar para estudar. Então o professor enviou Jonas à “universidade” onde ele estudara: a *Yeshivá Êsh Hatorá*.

Muitos já disseram que, se a realidade é mais estranha que a ficção, é porque tem um autor melhor.

Meor Hashabat Semanal



Primeiros Socorros em Traumatologia

É de fundamental importância o conhecimento de algumas medidas simples, mas bastante eficazes, referentes ao primeiro atendimento prestado a uma pessoa traumatizada. Estes cuidados podem ser decisivos para a recuperação deste indivíduo.

No primeiro momento em que temos contato com um traumatizado, devemos fazer uma avaliação rápida, verificando a permeabilidade das vias aéreas, a respiração e a circulação. Após analisar estes parâmetros, passamos aos cuidados com as lesões que acometem o sistema músculo-esquelético.

Contusão, Entorse ou Distensão

Contusão é uma lesão tecidual causada por traumatismo direto.

Entorse é uma lesão tecidual causada por mecanismo de torção. É o resultado da ação de forças que alongam algumas ou todas as fibras do ligamento além de seu limite elástico.

Distensão é uma lesão que indica a ocorrência de algum grau de ruptura nas fibras musculares, no tendão ou na transição músculo-tendínea.

Os primeiros socorros nestes tipos de lesões devem ser os seguintes:

- Repouso com elevação do membro lesado.

- Enfaixamento levemente compressivo.

- Crioterapia (gelo): colocar (um saco com) gelo sobre um pano, evitando contato direto com a pele.

- Encaminhamento para atendimento especializado.

O importante é saber que a primeira atitude a ser tomada em caso de uma contusão, distensão ou entorse é colocar gelo no local por 20 minutos (e não mais), ainda no local do acidente. O gelo ajuda a restringir o inchaço e a reduzir o dano provocado no tecido.

Normalmente, para lesões graves, as aplicações são de 20 minutos a cada duas horas, em um prazo de 24 a 48 horas. Nas lesões menos graves, aplica-se gelo durante 20 minutos de 4 a 6 vezes por dia num prazo de 48 horas.

Põe-se os cubos de gelo em um saco plástico sobre o local afetado. Os primeiros cinco minutos são desconfortáveis, mas à medida que o tempo passa, a dor alivia e a pessoa se adapta.

O que não fazer: O órgão lesionado não deve suportar qualquer peso. Não aplicar calor ou pomadas termoesmolulantes, por produzirem dilatação dos vasos sanguíneos; se estes apresentam rupturas, a quantidade de sangue extravasado é maior, o hematoma aumenta, tornando-se mais difícil a sua reabsorção. Não massagear durante as 24-48 primeiras horas, por produzir vasodilatação e retardar o período de coagulação, com as consequências referidas. Não ingerir bebidas alcoólicas durante a fase aguda, porque o álcool tem características vasodilatadoras.

Deve-se levar em consideração tudo o que possa mascarar a dor –

sprays ou outros analgésicos.

Fratura, Luxação ou Fratura-luxação

Fratura é a interrupção de continuidade na estrutura de um osso; ou seja, quando o osso está quebrado.

Luxação é a perda da congruência articular; ou seja, quando a junta sai fora do lugar e as superfícies articulares não estão em contato. Na luxação incompleta ou subluxação existe, em parte, contato entre as superfícies articulares. Na luxação completa os contatos se perdem totalmente.

Fratura-luxação é a perda da congruência articular associada a uma fratura.

Os primeiros socorros nestes tipos de lesões devem ser os seguintes:

O paciente deve permanecer em repouso, preferencialmente em decúbito dorsal (deitado de costas).

Deve-se estancar o sangramento, de preferência por meio de um curativo compressivo e da elevação do membro afetado.

A imobilização deve ser providenciada com o material que estiver disponível no local do atendimento (talas metálicas, talas gessadas, talas infláveis, talas maleáveis ou mesmo pedaços de madeira), tendo o cuidado de evitar manobras de redução (recolocar os ossos no lugar) antes de ter certeza de que não existem estruturas neuro-vasculares entre os fragmentos ósseos.

Deve-se apenas alinhar suavemente o membro de maneira que seja possível uma imobilização adequada e, nos casos onde existe uma deformidade fixa, esta extremidade deve ser imobilizada nesta posição.

Nos casos de fraturas expostas deve-se lavar rapidamente o ferimento com soro fisiológico ou água

corrente, colocar curativo levemente compressivo utilizando-se do material mais limpo que se disponha no momento (gazes, compressas, vestes, toalhas, etc.) e imobilizar da maneira acima descrita. Estas medidas evitarão que o material estranho (terra, asfalto, grama, etc.) seja levado para locais mais profundos, dificultando a limpeza cirúrgica subsequente.

Após a imobilização, deve-se deixar o membro lesado elevado em posição confortável e colocar-lhe panos molhados e frios.

O transporte da pessoa deve ser feito com movimentação em bloco, para evitar possíveis danos neurológicos no caso de uma fratura da coluna vertebral.

Deve-se procurar atendimento médico imediatamente.

Amputação

Amputação é a remoção parcial ou total de uma estrutura orgânica.

Nos casos de amputação traumática de algum segmento corporal, deve-se tomar alguns cuidados tanto com a parte amputada quanto com o coto proximal.

Cuidados com a parte amputada:

- Envolvê-la em uma compressa úmida.

- Colocá-la em um recipiente com gelo.

Cuidados com o coto proximal:

- Curativo compressivo.

- Manter o membro elevado.

Cuidados no caso de amputação incompleta:

- Curativo compressivo.

- Imobilização com tala.

- Manter o membro elevado.

- Colocar gelo sobre o curativo.

Nos casos de amputação deve-se manter o paciente em jejum. Nunca ofereça aquele “copinho com água” para acalmá-lo! ■

Um Desafio

1

Foi criada no primeiro dia:

- a) A Lua.
- b) A vegetação.
- c) A Terra.
- d) A Luz.

2

São filhos de Yaacov e Leá:

- a) Reuven, Shim'on, Gad e Asher.
- b) Menashê e Efráyim.
- c) Levi, Yehudá, Yissachar e Zevulun.
- d) Yossef e Binyamin.

3

Quantos anos viveu a matriarca Sará?

- a) 77.
- b) 127.
- c) 187.
- d) 207.

4

Rio do Egito:

- a) Tigre.
- b) Eufrates.
- c) Nilo.
- d) Nenhuma das anteriores.

5

Cidade construída pelos escravos judeus no Egito:

- a) Gôshen.
- b) Ur Casdim.
- c) Pitom.
- d) Charan.

6

São parashiyot da Torá:

- a) Kedoshim, Tehorim, Devarim e Mishpatim.
- b) Vaerá, Vayerá, Vayicrá e Vayigash.
- c) Ki Tetsê, Ki Tavô, Ki Tigash e Ki Tissá.
- d) Nenhuma das anteriores.

À Sua Sabedoria

7 A mãe do Rei David se chamava (Bavá Batrá 91a):

- a) Nitsêvet bat Arael.
- b) Yochêved bat Carnevô.
- c) Shelomit bat Divri.
- d) Shunamit bat Aminadav.

8 São obras sagradas de autoria do Rei Shelomô:

- a) Mishlê, Cohêlet e Shir Hashirim.
- b) Shofetim, Yirmeyá e Meguilat Echá.
- c) Melachim Alef, Melachim Bet e Yeshayá.
- d) Yehoshua, Shofetim e Meguilat Rut.

9 São tratados talmúdicos:

- a) Chulim, Moadim, Chaguim e Guitim.
- b) Ketubot, Yevamot, Tsomot e Berachot.
- c) Yomá, Chaguigá, Rosh Hashaná e Sucá.
- d) Bavá Camá, Bavá Metsiá, Bavá Batrá e Bavá Achará.

10 Rashi, o famoso comentarista da Torá e do Talmud nasceu:

- a) Na cidade de Jerusalém, em Israel.
- b) Na cidade de Terni, na Itália.
- c) Na cidade de Tsefat, em Israel.
- d) Na cidade de Troyes, na França.

11 O nome do famoso sábio Gaon de Vilna é:

- a) Rabênu Eliyáhu.
- b) Rabênu Moshê.
- c) Rabênu Yitschac.
- d) Rabênu Zevulun.

12 Autor da famosa obra de mussar "Alê Shur":

- a) Rabino Shelomô Wolbe.
- b) Rabino Shemuel Bachyê.
- c) Rabino Shaul Wagshal.
- d) Rabino Shimon Bar Yochay.

Respostas: 1-D, 2-C, 3-B, 4-C, 5-C, 6-B, 7-A, 8-A, 9-C, 10-D, 11-A, 12-A.

Viver com Alegria

Como encarar a vida e encontrar o que todos buscam: a verdadeira felicidade!

Rabino Daniel Faour

Hoje vivemos no Paraíso de ontem!

Se perguntássemos a um *yehudi* há duzentos anos atrás: “Diga-me, como se parece o *Gan Êden* – o Paraíso?”. Ele responderia que no *Gan Êden* certamente a água chegaria em casa “sozinha”, sem todo o trabalho árduo de tirar a água do poço e carregá-la.

As roupas também se lavariam “sozinhas”, bastando um simples toque de botão.

E para tomar banho? Não precisaríamos esquentar a água. Sairiam águas quentes da parede!...

Assim por diante, ouviríamos respostas que hoje para nós são realidades muito simples e óbvias. Nós nem mesmo pensamos como seria nossa vida sem estas mordomias!

Sendo assim, todos nós deveríamos nos sentir felizes e realizados, como se estivéssemos vivendo no *Gan Êden*! Mas quantos de nós realmente são felizes? O que nos falta para que vivamos com tranquilidade? Onde está a felicidade?

Este artigo, de forma resumida e concisa, traz alguns esclarecimentos que podem nos levar à chave da alegria.

A alegria vem de D’us

“Já passei por todas as partes do mundo,

visitei diversas cidades, tive a oportunidade de comprar todos os tipos de supérfluos, mas continuo procurando onde se encontra este tesouro que se chama alegria!”

Antes de nos aprofundarmos neste pensamento, façamos mais uma questão básica: “Por que D’us criou o ser humano de forma a sempre almejar algo diferente, com uma natureza que o impele a nunca estar contente?”

Analisando os animais, constatamos que eles só comem o que estão acostumados e necessitam, na quantidade certa. Tudo o que é contra sua natureza, eles não comem. Mais do que isso, quando já possuem a comida que lhes é necessária, ficam contentes.

Por outro lado, tratando-se de seres humanos, é praticamente impossível encontrar alguém plenamente satisfeito.

Por exemplo: um homem que não tem um carro imagina que, quando obtiver um, ainda que usado, atingirá o topo de sua alegria. Quando finalmente adquire um carro, fica feliz por algum tempo. Mas depois de alguns meses já desejará trocar o “carro velho” por outro mais novo.

Outro exemplo: um homem de negócios, que tem muito êxito no que faz, pensa consigo que, quando acumular um milhão de dólares,

ele se tornará o homem mais feliz do mundo. Mas a decepção é grande quando percebe que obteve sucesso, mas já almeja o segundo milhão.

Nossos sábios, de abençoada memória, explicam que “quem tem cem quer ter duzentos”. Ou seja, antes de alcançar a sua porção, ele não queria duzentos, mas depois de conseguiu-la, já deseja o dobro.

E por quê? Por que D’us fez o homem desta forma?

O rei Shelomô escreve em *Cohêlet* (6:7): “O espírito também não se saciará” – a alma nunca está completa e satisfeita.

O *Midrash* explica esta passagem com uma parábola:

“Certa vez havia uma princesa, que fugiu da casa de seus pais e casou-se com um camponês. Quando ela entrou em sua simples habitação e viu o lugar onde deveria viver a partir de então, começou a chorar. Mas seu marido, que nunca viveu em um castelo, não compreendeu o motivo dos seus prantos. Imaginando que o motivo de seu choro era medo e insegurança, ele tomou um grande pedaço de pão e ofereceu-lhe: “Veja! Um belo pedaço de pão! Você não precisa chorar!”

A nossa alma é como a filha do rei, que vem de um mundo superior residir dentro de um simples corpo material. Quando a alma vê sua nova “moradia”, ela começa a chorar e sente falta da casa do Rei, do mundo espiritual. Por isso ela chora ininterruptamente e não se satisfaz. Mas o corpo não entende, e tenta agradá-la e enchê-la de prazeres materiais.

É com essa parábola que o *Midrash* explica a passagem “o espírito não se saciará” dita pelo rei Shelomô. A alma não se satisfará com mais um passeio, com um carro novo ou com um novo empreendimento.

Hashem colocou no homem a ca-

racterística da alegria, mas é ele que precisa encontrar o caminho para alcançá-la. Ela não vem por si, naturalmente, como no caso dos animais. Cabe à pessoa procurar *Torá*, *mitsvot* e boas ações. Somente assim encontrará a verdadeira alegria. Já que estes valores são provenientes do mundo espiritual, a alma se sacia com eles. Infelizmente, a maioria dos homens não têm conhecimento disto e tenta saciar sua alma com aquisições materiais – mas “o espírito não se saciará”.

Daí entendemos o porquê de *Hashem* criar o ser humano desta forma – sempre buscando mais. Isto é fruto da Sabedoria Divina. Ele deseja que não esqueçamos quem somos nós. Quer que nos lembremos durante toda nossa vida que temos uma função, um objetivo muito elevado para o qual fomos criados. Assim, estamos sempre atraídos a algo diferente – à *Torá*, às *mitsvot* e boas ações.

Na *tefilá* de *Shabat* nós falamos, “*Yisbeú veyit’anegu mituvach* – Saciar-se-ão e aproveitarão de Tua bondade”. O livro “*Tuvechá Yabiu*” explica que somente com a *Torá* e as *mitsvot* há prazer e satisfação conjuntamente. Ele traz dois exemplos de prazeres materiais:

1. Um indivíduo que gosta muito de comer, senta-se à mesa e começa a comer. Come o primeiro prato, depois o segundo... mais um prato e outro... Então fica tão satisfeito que não consegue ingerir sequer mais uma pequena migalha. Neste momento, mesmo se lhe trouxerem sua comida preferida, estando satisfeitíssimo, não terá mais prazer.

2. Alguém que gosta muito de dinheiro, quanto mais dinheiro adquirir, maior é o seu “prazer”. Mas ele não se “satisfaz”, já que aquele que tem cem quer duzentos.

No primeiro caso, estando satisfeito, o indivíduo não consegue obter prazer. No segundo caso, apesar de sentir prazer com as aquisições, o indivíduo não consegue obter satisfação.

A única aquisição que traz real prazer e satisfação ao homem são os valores espirituais. Uma pessoa que faz uma *mitsvá* ou estuda *Torá*, naquele momento se satisfaz e tem prazer em fazê-lo. Seguindo este caminho, continua sentindo cada vez mais esta sensação de prazer e satisfação.

Sobre isso, lembramos os dizeres do Rambam no final de *Hilchot Lulav*:

“Alegria, para que a pessoa esteja feliz ao fazer uma *mitsvá* e ao amar D’us que as ordenou; este é um grande trabalho... E não há grandeza e honra se não há alegria perante D’us...”.

Feliz é aquele que se contenta com o que tem

O *Rav Chayim Vital* escreve em seu livro *Shaarê Kedushá* uma das formas de se conseguir alcançar a alegria: refletir no conceito de buscar “a alegria constante de que tudo que lhe acontece vem de D’us e é para o bem”.

Se perguntarmos a alguém qual o motivo de não estar feliz e satisfeito em sua vida, ele provavelmente responderá algo como: “De que maneira poderei ser feliz com uma esposa dessas?” ou “Veja a situação financeira em que me encontro!” ou citará inúmeras carências que lhe impedem ser feliz.

Quase todo *yehudi* afirma sua crença em D’us. Apesar disso, seus atos e afirmações negam o seu sentimento. Se acreditamos em D’us, devemos reconhecer que Ele sabe o que é bom para nós – e, em especial, o que não é bom. Também devemos acreditar que tudo o que nos é concedido é só para o nosso bem. D’us não deixará

de nos dar o que realmente desejamos – se isto realmente é bom para nós.

Muitas vezes, acreditamos que algo será muito benéfico para nós. Mas *Hashem*, que sabe de tudo e é todo poderoso, sabe que não será. Por isso, Ele evita que isso aconteça.

Nossos sábios disseram no *Pirkê Avot* que a inveja é uma das características que “tiram a pessoa deste mundo”. O Rambam explica que a inveja faz a pessoa perder sua recompensa no Mundo Vindouro, mas também tira a pessoa “deste mundo”. Todo o tempo que o indivíduo inveja o que os outros têm, ele não alcança paz de espírito e sente que lhe falta algo. Pensando constantemente “Por que ele tem sucesso enquanto eu não tenho?”, “Por que ele goza de saúde e eu não?”, o indivíduo perde este mundo também.

Sermos felizes e contentarmos-nos com o que temos, não significa consolarmos-nos com o que possuímos. Não podemos pensar apenas: “Não tenho outra alternativa, preciso me satisfazer com o que tenho”. O importante é realmente sentirmos que não precisamos e não queremos mais. Em outras palavras, precisamos sentir “Tenho cem e não quero duzentos”.

Encontramos um exemplo disto na *Torá (Parashat Vayishlach)*. Quando Yaacov está indo encontrar-se com Essav, ele envia um presente muito valioso a Essav: inúmeros animais. Quando eles se encontram, Essav diz para Yaacov: “Meu irmão, eu tenho muito, seja para você o que é seu”. Yaacov lhe responde: “Aceite a bênção que eu lhe trouxe, pois D’us me presenteou e eu já tenho tudo”.

Essav, ao dizer “tenho muito”, queria dizer que na realidade tinha muito mais do que precisava. Mas ainda não tinha tudo, por isso aceitou o presente de Yaacov. Mas Yaacov, ao

dizer que “tinha tudo”, queria dizer que tinha tudo o que necessitava e almejava. Esta é a sensação de uma pessoa que está feliz e satisfeita com o que tem – “nada me falta, tenho tudo.”

Quando alguém se acostuma a pensar que *Hashem* lhe concedeu tudo, tira a inveja de seu coração e não se interessa mais pelo que o outro tem ou deixa de ter. Isto lhe traz paz de espírito e o torna verdadeiramente feliz.

No livro *Chovot Halvavot* consta (cap. 1, *Midat Habitachon*) que medimos o quanto uma pessoa acredita em D’us pela paz interior que ela possui. Quanto mais calma e tranquila esta pessoa é, significa que mais acredita e tem fé em D’us.

Conselhos práticos

Vejamos algumas ideias práticas para conquistarmos a alegria:

1. Queira ser feliz!

Nossos sábios nos revelaram que não há nada impossível perante o desejo do homem. Simplesmente tome a resolução de ser feliz a partir de agora – e você receberá uma ajuda dos Céus.

2. Comporte-se de forma alegre!

Ilumine seu semblante para qualquer pessoa, sorria para todos. Nunca mostre uma cara fechada. Nossos sábios nos ensinam que as ações externas influenciam o interior da pessoa. Se comportarmos-nos desta forma, com o passar do tempo a alegria penetrará em nossos corações.

3. Encare as dificuldades ou problemas como oportunidades de crescimento – e não como sofrimentos!

Não pense sobre o tamanho do problema, mas concentre-se em como resolvê-lo. Acredite em D’us, que Ele pode lhe ajudar a qualquer momento. A preocupação com os problemas é um sofrimento que a própria pessoa traz para si.

4. Converse com D’us!

Todo *yehudi* recebeu um grande presente, a oportunidade de rezar para D’us e pedir-lhe ajuda. Muitas vezes *Hashem* envia problemas para as pessoas, esperando que rezemos para Ele. Isso aconteceu com nossas matriarcas, que eram estéreis, e D’us esperava por suas preces para torná-las férteis.

O Chafets Chayim costumava dizer que uma pessoa pode rezar em qualquer momento do dia e em qualquer idioma. Somente erga os olhos aos Céus e diga: “Tenha piedade, ó D’us, tenho tal e tal problema, salve-me por favor” ou: “Faça com que eu tenha sucesso nesta realização” – e assim por diante.

5. Estude Torá!

Marque um momento fixo para uma aula de *Torá*. A *Torá* alegra os corações.

David *Hamêlech* disse no *Tehilim*: “*Pikudê Hashem yesharim messamechê lev* – as ordenanças do Eterno são de retidão, alegram o coração”. Nada como uma aula de *Torá* para sentir a verdadeira alegria.

6. Concentre-se nas Birchot Hasháchar!

Todas as manhãs, nas preces matinais, obtenha fé e alegria das seguintes *berachot*: “*Sheassa li col tsorki* – Que provê todas as minhas necessidades” e “*Hamechin mits’adê gáver* – Que diriges os passos do homem”. D’us já deixou tudo preparado para você. Acostume-se com este pensamento e, com o tempo, a alegria brotará de seu coração!

Baseado nos livros:
 “Or Olam” do Rabino Avigdor Muller zt”l,
 “Alê Shur” do Rabino Shelomô Wolbe zt”l,
 “Chedvat Hachayim”
 do Rabino Aharon Zakay Shelita
 e “Bessimchá Uvtuv Levav” do
 Rabino Hadar Margolin Shelita.

Cegos Voluntários

Ao visar uma meta, é indispensável entender a natureza dos obstáculos que podem nos impedir de alcançá-la, de forma que possamos contorná-los.

No caso do seguinte objetivo: “fazer a vontade de D’us”, o mesmo ocorre; temos que tentar conhecer um pouco a nossa chamada “má inclinação”.

Rabino Elie Bahbout

Está escrito (Mishlê 4:19): “O caminho dos ímpios é como a escuridão; eles não sabem no que tropeçam”. Temos, portanto, analisar alguns aspectos da nossa má inclinação.

A maioria das pessoas imagina que a má inclinação é somente a vontade de realizar um pecado. Porém, ela é muito mais do que isso. Praticamente ninguém peca propositadamente. Ninguém desafia descaradamente o Criador. Mas há várias formas de “driblar” a nossa consciência e nos darmos a liberdade de pecar.

Em um nível mais baixo, como forma de tapar a consciência, simplesmente “não pensamos”. Dizem nossos sábios: “Um homem não peca a não ser que esteja sob o domínio de um ‘espírito de estupidez’ (*rúach shtut*)”. A força negativa de uma transgressão bloqueia a mente do indivíduo e ele peca, mesmo que isso seja ilógico. Esse é o nível do mero desejo de pecar, a “vontade de comer porco”. Se o indivíduo parasse e refletisse coerentemente que o prazer ilusório – ilusório porque sempre parece muito maior do que o que realmente proporciona – do “porco” não vale causar um afastamento do

Criador, não pecaria.

O efeito “não pensar” também ocorre de uma forma menos notória. Passamos dias inteiros “comendo para viver e vivendo para comer”, simplesmente sem pensar ou lembrar que há um objetivo maior. Na verdade, todos os nossos atos, por ínfimos que sejam, deveriam ser direta ou indiretamente voltados para servi-Lo.

Avançando um pouco mais no sentido de burlar a consciência, em vez de meramente bloqueá-la, encontramos várias “opções”.

A mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais ilógica ilusão adotada é a de negar princípios básicos. Por exemplo, *chas veshalom*, negar a existência de D’us. Esta é a forma mais fácil de “libertar-se” para fazer o que quiser. Mesmo a teoria de Darwin, que já foi derrubada pelos próprios cientistas, pela ausência de fósseis intermediários e muitos outros motivos, pode funcionar como uma justificativa para negar o Criador e agirmos, comodamente, sem quaisquer limites.

Negar a validade de alguns mandamentos, afirmando que não têm vigência em nossos

dias é também um “jeitinho” muito utilizado, apesar de ser ilógico para quem acredita em D’us – já que Ele escreve na *Torá* passagens como “pacto é para sempre” e como “para todas as gerações”. Será que Ele não teria capacidade de cumprir tais afirmações e nos dar mandamentos eternos?!

Negar irracionalmente princípios em “pequenas coisas” é outro artifício muito usado para facilitar a manutenção das tais desculpas e negar a gravidade de alguns pecados. “Isso não é importante”, di-zem, como se o que D’us nos ordenou não tivesse importância; ou ainda: “D’us não liga para coisas tão pequenas!” O que é grande para D’us? Se Ele não fizesse questão de o que chamam de “pequeno”, este não existiria!

Podemos ainda negar nossa própria capacidade de cumprir Suas ordens. Mas D’us não determinaria fazer algo que não fôssemos capazes. Mais claramente, não há nada que D’us queira de nós que não possamos alcançar com algum esforço. Devemos cuidar para não “esquecer” disto e nos iludirmos pensando: “Isso é demais para mim; não conseguiria fazer” e, conseqüentemente, nem tentarmos realizar.

Driblar a consciência pode se dar ainda de uma forma mais sutil e, portanto, mais perigosa; sem a necessidade de negar algo ou mesmo “pouca coisa”.

São as racionalizações. Uma pessoa pode encontrar muitas desculpas e “justificativas” para seus atos. Às vezes, até mesmo encontram-nas na *Torá* e nos ditos dos sábios, evidentemente mal aplicados e, por vezes inadvertidamente, distorcidos pelas suas vontades. São os famosos: “nesse caso é permitido”, “se eu fizer isto vou poder cumprir tal e tal preceito”,

“não; isso não é proibido por causa disso e daquilo”, etc.

Os dois maiores pecados da humanidade, ao contrário do que se pensa, não foram resultados do efeito direto do que denominamos “vontade de comer porco”, mas sim, puramente, de racionalizações.

Quando a primeira mulher, Chavá, comeu o fruto proibido do conhecimento – o *Talmud* discute se era trigo, uva, etrog ou outro, mas não menciona nada sobre maçã – não o comeu por simples desejo, mas por argumentos lógicos propostos pela serpente, como ser igual a D’us, etc.

O bezerro de ouro também não foi feito por mera vontade de idolatria, mas por se enganarem pensando que Moshê morreu. Imaginaram que deveriam ter um novo intermediário entre eles e D’us. Se ao menos não tivéssemos “pensado” e “imaginado” tanto!...

No início da *Torá* (Bereshit 1:26), quando D’us relata sobre a criação do homem, consta uma passagem que diz: “façamos o homem”. Rashi explica que D’us refere-se aqui, “por polidez” aos anjos. Há quem explique que estas palavras referem-se a toda a Criação e outros sustentam que é uma alusão ao próprio homem. De qualquer forma, não há dúvida que havia apenas Um Criador.

Quando D’us ordenou a Moshê Rabênu que escrevesse estas palavras, ele questionou se isto não seria usado, erroneamente, como argumento de que haveria sócios na Criação. Respondeu o Único Criador: “Se querem errar, deixe que errem”. Portanto, se não tomarmos cuidado, podemos cair em erro, mesmo usando como base a *Torá*. Quanto mais em reflexões fundamentadas no intelecto, subornado pela vontade!

Frente a seus desejos, um indiví-

duo, mesmo inconscientemente, distorce a realidade. Alerta a *Torá* (Devarim 16:19), não só aos juízes como a todos nós: “...e não tomarás suborno, porque o suborno cega os olhos dos sábios e subverte as palavras justas”. A expectativa, mesmo que ilusória, das nossas vontades é uma espécie de suborno que acaba por influenciar nossas conclusões.

Côrach liderou uma rebelião quando o Povo de Israel estava no deserto, a caminho da Terra Prometida. O *Midrash* descreve uma série de argumentações lógicas que Côrach propunha ao povo – e a ele mesmo. A consequência disso foi que 250 sábios foram convencidos por ele. Mais do que isso; cada um deles, completamente iludido, foi capaz de morrer tentando fazer o sacrifício de *ketoret*. Todos sabiam que alguém que não é o sumo sacerdote e faz o *ketoret* é digno da pena de morte. Mas eles pensavam: “Esse morreu na minha frente por não ser merecedor, mas eu sou!”. É incrível como racionalizações são capazes de cegar uma pessoa e impedi-la de enxergar a verdade óbvia!

A coisa vai ainda mais longe. Estando um indivíduo de posse de suas justificativas intelectuais, considera-se mais sábio do que os sábios. Pensa, por ser o caminho mais cômodo, que é mais “esperto” que todos. Ri do esforço alheio. Sobre isso, Shelomô *Hamêlech* escreve (Mishlê 26:16): “O preguiçoso (que tem preguiça de cumprir as *mitsvot*) é mais esperto aos seus olhos do que sete sábios”. Porém, o que acontece de fato, é que tal indivíduo se sente muito desconfortável e importunado por ver outros melhores do que ele em algo. Isso agride sua consciência e derruba a ilusão na qual gosta de viver, conforme está escrito (Tehilim 37:32): “O ímpio olha o justo e deseja matá-lo”.

Rabi Akiva dizia que, antes de fazer *teshuvá* e seguir o caminho da *Torá*, quando via um *talmid chacham* – sábio – tinha vontade de infligir-lhe mordidas de burro (isto porque o burro não arranca a carne como os outros animais, ele esmaga os ossos).

Estas pessoas tentam ainda atrair outros para agirem ou pensarem como elas, na esperança de aliviarem-se do incômodo. A verdade dói para quem se acostumou com uma determinada mentira – ou várias... Não é por outro motivo que pessoas reagem mal a reprimendas: vêem suas racionalizações caírem por terra, frente à lógica verdadeira e persistem no seu esforço de tapar seus olhos sem admitir que erraram, o que implicaria em uma mudança. Por que nos enervamos nestes casos, se não por derrubarem a mentira por trás da qual nos escondemos?

Por que o décimo teste de Avraham *Avínu* – *Akedat Yitschac* – foi tão grande? Afinal, trata-se de um justo do porte de Avraham! D’us, Ele Mesmo, ordenou que Avraham fizesse tal sacrifício e ele sabia melhor que qualquer ser humano que as consequências por desafiar diretamente o Criador seriam muito piores. A resposta é que era um teste contra as racionalizações. Avraham não deveria começar a fazer cálculos, pensando: “Mas não me prometeu D’us que um grande povo sairia de mim?”

Avraham, firme em sua fé, não questionou. Já Bil’am *Harashá*, ao ir amaldiçoar o Povo de Israel, racionalizou sobre seu objetivo, enganando-se: “Tal e tal hora D’us não vê as coisas” e ainda: “D’us concordou com o fato de eu amaldiçoá-los, já que me deixou ir com os homens de Balac”.

Diz-nos o *Pirkê Avot* (5:19): “Qual é a diferença entre os discípulos de

Avraham *Avínu* e os de Bil’am *Harashá*? Os discípulos de Avraham *Avínu* aproveitam esse mundo e herdam o Mundo Vindouro... mas os discípulos de Bil’am *Harashá* herdarão o *Guehinam* e descerão para as profundezas da destruição...”.

Realmente, precisamos tomar cuidado para apurar todos os nossos atos, se eles não são influenciados pelos nossos interesses; verificar se estão de acordo com a pura vontade de D’us, pois não é fácil saber se estamos sendo enganados por nossas reflexões parciais.

Conta o *Midrash* que Elifaz (o filho de Essav), sob ordens de seu pai, foi tentar matar Yaacov quando este ia para Charan. Yaacov, porém, conseguiu convencê-lo a apenas roubá-lo. Para isso, alegou que um indivíduo despojado de seus bens materiais é considerado um morto e portanto, se assim fizesse, não deixaria de observar a vontade de seu pai. Elifaz desejava matar, pensando estar sendo obediente às ordens do seu pai.

De fato, podemos racionalizar ao ponto de pensarmos que fazendo certo ato, que não é correto quando analisado objetivamente, estamos realizando uma *mitsvá*. Este é o pe-rigo da racionalização: podemos não perceber que estamos errados e, portanto, dificilmente nos corrigiremos. Entre os filhos de Essav, justamente Elifaz foi o que teve como descendente Amalec, um povo de ímpios, pois seu caso era mais complicado do que o de seus irmãos imorais.

O que foi dito, entretanto, não se aplica somente a pessoas malvadas como Elifaz, mas a todos nós em algumas circunstâncias e em determinados assuntos, a cada dia. Na oração de *Arvit*, recitamos: “E remova o acusador (a má inclinação) de nossa frente e de trás de nós.” “De nossa

frente” é uma referência ao caso de nos abordar “de frente”, visivelmente, “a vontade de comer porco”. “De trás de nós” refere-se às circunstâncias que nos atacam pelas costas, sem sabermos – as racionalizações.

É importante perceber que todas as maneiras descritas acima, usadas por nós para tapar nossos olhos, não são exatamente métodos bem definidos. Foram assim explicadas por motivos didáticos, para serem melhor compreendidas. Mas, na realidade, uma está intimamente ligada à outra e se mesclam. Podem afetar uma, várias ou todas as áreas da nossa vida. Podem ser mais intelectuais ou não, ter maior ou menor força. Por exemplo, um indivíduo pode dizer: “Eu não sigo isso” ou “eu não sou religioso” e com isso se sentir isento da obrigação, o que é uma racionalização completamente ilógica, com o sentido de bloquear a consciência. Talvez seja a forma mais cômoda e passiva de não se esforçar para encontrar a verdade. Além disso, as “formas de driblar a consciência” são muito mais complexas e não podem ser totalmente expressas, até pelo fato de não serem lógicas.

Generalizando, a má inclinação pode simplesmente cegar uma pessoa. Isto é verdade no amplo modo de vida de alguém e, igualmente, ocorre separadamente em pequenos detalhes do dia-a-dia.

Na realidade, cada um de nós é “cego” dentro de seu nível de elevação, seja qual for, pelo simples fato de que a matéria limita nossa visão. Porém, sem dúvida, é possível adquirir, por intermédio do estudo da *Torá* e do empenho contra qualquer coisa diferente da Sua vontade, um nível de visão mais próximo da verdade, apesar de ainda infinitamente longe dela. ■



Gratidão

Este relato descreve como um empresário norte-americano salvou-se da morte de maneira impressionante.

No mês de agosto de 2001, Moshê (nome fictício), um bem-sucedido empresário judeu, viajou de Nova Iorque para Israel a negócios.

Na quinta-feira, dia nove, entre uma reunião e outra, o empresário aproveitou para ir fazer um lanche rápido em uma pizzaria na esquina das ruas Yafo e Mêlech George no centro de Jerusalém.

O estabelecimento estava superlotado. Logo ao entrar na pizzaria, Moshê percebeu que teria que esperar muito tempo numa enorme fila, se realmente desejasse comer alguma coisa – mas ele não dispunha de tanto tempo.

Indeciso e impaciente, pôs-se a ziguezaguear por perto do balcão de pedidos, esperando que alguma solução caísse do céu.

Percebendo a angústia do estrangeiro, um

israelense perguntou-lhe se ele aceitaria entrar na fila na sua frente.

Mais do que agradecido, Moshê aceitou. Fez seu pedido, comeu rapidamente e saiu em direção à sua próxima reunião.

Menos de dois minutos após ter saído, ele ouviu um estrondo aterrorizador.

Assustado, perguntou a um rapaz que vinha pelo mesmo caminho que ele acabara de percorrer o que acontecera. O jovem disse que um homem-bomba acabara de detonar uma bomba na pizzaria Sbarro's, na esquina da Rua Yafo com a Rua Mêlech George.

Moshê ficou branco. Por apenas dois minutos ele escapara do atentado.

Imediatamente lembrou do homem israelense que lhe oferecera o lugar na fila. Certamente ele ainda estava na pizzaria. Aquele

sujeito salvara a sua vida e agora poderia estar morto.

Atemorizado, correu para o local do atentado para verificar se aquele homem necessitava de ajuda. Mas encontrou uma situação caótica no local.

A Jihad Islâmica enchera a bomba do suicida com milhares de pregos para aumentar seu poder destruidor. Além do terrorista Hussein Omar Abu Naaseh *yimach shemô*, de vinte e três anos, outras dezoito pessoas morreram, sendo seis crianças. Cerca de outras noventa pessoas ficaram feridas, algumas em condições críticas.

As cadeiras do restaurante estavam espalhadas pela calçada. Pessoas gritavam e acotovelavam-se na rua, algumas em pânico, outras tentando ajudar de alguma forma.

Entre feridos e mortos estendidos pelo chão, vítimas ensanguentadas eram socorridas por policiais e voluntários. Uma mulher com um bebê coberto de sangue implorava por ajuda.

Um dispositivo adicional já estava sendo desmontado pelo exército.

Moshê procurou seu “salvador” entre as sirenes sem fim, mas não conseguiu encontrá-lo.

Ele decidiu que tentaria de todas as formas saber o que acontecera com o israelense que lhe salvara a vida. Moshê estava vivo por causa dele. Precisava saber o que acontecera, se ele precisava de alguma ajuda e, acima de tudo, agradecer-lhe por sua vida.

O senso de gratidão de Moshê fez com que esquecesse da importante reunião que o aguardava.

Ele começou a percorrer os hospitais da região, para onde tinham sido levados os feridos no atentado.

Finalmente, encontrou o israelense num leito de um dos hospitais. Ele estava ferido, mas não corria risco de vida.

Moshê conversou com o filho da-

quele homem, que já estava acompanhando seu pai, e contou tudo o que acontecera. Disse que faria tudo que fosse preciso por ele. Que estava extremamente grato àquele homem e que lhe devia sua vida.

Depois de alguns momentos, Moshê se despediu do rapaz e deixou seu cartão com ele. Caso seu pai necessitasse de qualquer tipo de ajuda, o jovem não deveria hesitar em comunicá-lo.

Quase um mês depois, Moshê recebeu um telefonema em seu escritório em Nova Iorque daquele rapaz, contando que seu pai precisava de uma operação de emergência. Segundo os especialistas, o melhor hospital para fazer aquela delicada cirurgia ficava em Boston, Massachussets.

Moshê não hesitou. Arrumou tudo para que a cirurgia fosse realizada dentro de poucos dias.

Além disso, fez questão de ir pessoalmente receber e acompanhar seu amigo em Boston, que fica a uma hora de avião de Nova Iorque.

Talvez outra pessoa não tivesse feito tantos esforços apenas pelo senso de gratidão. Outra pessoa poderia ter dito “Final, ele não teve intenção de salvar a minha vida; apenas me ofereceu um lugar na fila...”.

Mas não Moshê. Ele se sentia profundamente grato, mesmo um mês após o atentado. E ele sabia como retribuir um favor.

Naquela manhã de terça-feira, Moshê foi pessoalmente acompanhar seu amigo – e deixou de ir trabalhar. Sendo assim, pouco antes das nove horas da manhã daquele dia onze de setembro de 2001, Moshê não estava no seu escritório no 101º andar do World Trade Center Twin Towers.

**Relatado em palestra
do Rabino Issocher Frand**

GRUPO line OUTSOURCING DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica.
Colocamos impressoras em comodato a custo zero.
Gerenciamos todo o seu parque de impressoras.
Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa.
Retiramos e entregamos sem nenhum custo.
Televendas: 3331-3831
www.gpline.com.br

KALIMO

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.

VRASALON®
DESDE 1968

Deseja grande sucesso espiritual e material para todo Am Yisrael!

www.vrasalon.com.br

KADUR by Optimist

Deseja sucesso para toda a Kehilá!

www.kadur.com.br

Pedras ao Mar

Certa vez, um homem caminhava pela praia numa noite de lua cheia...

Ele pensava consigo:

“Se eu tivesse um carro novo, seria feliz...”

“Se eu tivesse uma casa grande... como seria feliz...”

“Se eu tivesse um excelente trabalho... Aí sim eu seria feliz!...”

“Se eu tivesse uma parceira perfeita!... Uau! Eu seria eternamente feliz!...”

Até que ele tropeçou em uma sacolinha cheia de pedras.

Pegou a sacolinha e logo começou a jogar as pedrinhas, uma a uma, ao mar.

A cada pedrinha que jogava, dizia:

“Eu seria feliz se tivesse...”

Assim fez até que ficou com uma só pedrinha na sacolinha, e decidiu guardá-la.

Ao chegar em casa, percebeu que aquela pedrinha era um diamante valioso.

Quantos diamantes ele jogou ao mar sem parar para pensar?

* * *

Assim são as pessoas...

Jogam fora seus preciosos tesouros, esperando o que imaginam ser perfeito. Passam a vida sonhando com o que não possuem, sem dar valor ao que têm muito perto.

Se olhassem ao redor, parassem para observar, perceberiam quão afortunadas são. Muito perto de si está sua felicidade.

Cada pedrinha deve ser analisada... ela pode ser um diamante valioso!

Cada dia pode ser considerado uma pedra preciosa insubstituível.

Depende de cada um aproveitá-lo ou lançá-lo ao mar do esquecimento para nunca mais recuperá-lo.

E você, como anda jogando suas pedrinhas? Seus amigos, sua família, seu trabalho e até mesmo seus sonhos?

A morte não é a maior perda da vida.

A maior perda da vida é o que morre dentro de nós enquanto vivemos.

Leis Referentes à Amidá

Rabino I. Dichi

Introdução

Quando estiver rezando junto com um *minyán*, a *Amidá* (*Shemoná Esrê*) deverá ser recitada ao mesmo tempo que os outros participantes do *minyán*.

Para considerar-se que houve “*tefilá betsi-bur*” (oração com a congregação), é necessário que, ao menos, seis homens com mais de treze anos tenham iniciado a *Amidá* juntos (dentre dez, no mínimo, presentes). Para outras opiniões é necessário que dez homens acima de treze anos tenham iniciado a *Amidá* juntos. De qualquer forma, é possível efetuar a *Chazará* se pelo menos seis pessoas (dentre dez, no mínimo, presentes) incluindo o *chazan*, iniciaram a *Amidá* juntas.

Horário

O período no qual a *Amidá* de *Shachrit* pode ser recitada começa com o nascer do Sol. Em caso de extrema necessidade, como por exemplo alguém que necessita sair de viagem cedo, poderá recitá-la com a alvorada. O prazo final da *Amidá* de *Shachrit*, para ter o peso e valor de “*tefilá bizmaná*” (*tefilá* no seu tempo devido) termina na quarta hora *zemanit* do dia. Se perder este prazo poderá recitar a *Amidá* até o meio do dia (*chatsot*), porém após *chatsot* será proibido rezar a *Amidá* de *Shachrit*.

Caso estava impossibilitado de rezar a *Amidá* até *Chatsot* (por esquecimento ou por motivo de força maior – como doença ou embriaguez), quando rezar a oração seguinte (*Minchá*) recitará duas vezes a *Amidá*. Neste caso deve ter a intenção de que a primeira valha como oração de *Minchá* e a segunda como complemento pela que faltou (de *Shachrit*).

Se o indivíduo constatar que o *tsibur* está atrasado e quando chegar a quarta hora do dia não terão chegado ainda nas bênçãos do *Shemá*

e na *Amidá*, não deverá aguardá-los, mesmo que isso o leve a rezar *beyachid* (em particular) sem o *minyán*.

Composição

A *Amidá* é composta basicamente por três partes:

- As primeiras três *berachot* formam um grupo.
- As do meio formam o segundo grupo.
- As três últimas formam o terceiro grupo.

O texto do primeiro e do terceiro grupo é sempre o mesmo. O segundo grupo varia conforme o dia (*Shabat*, *yom tov*, etc.) e conforme a oração (*Shachrit*, *Mussaf*, etc.).

Local

Antes de iniciar a *Amidá* deve-se verificar o local onde será proferida. Deve estar limpo, sem odores ruins ou fortes que atrapalhem a concentração.

É recomendável rezar a *Amidá* sempre no mesmo local.

Direcionamento

Ao recitar a *Amidá* deve-se voltar na direção de *Yerushaláyim*.

Conduta

Não se apoiar em nada.

É correto rezar lendo a *tefilá* de um *sidur*.

Se rezar de cor, fechar os olhos.

Não se curvar durante as *berachot* além das quatro vezes mencionadas adiante:

1. Início.
2. *Maguen Avraham*.
3. *Modim*.
4. *Hatov Shimchá*.

Na oração de *Shachrit*, antes de iniciar a *Amidá*, ao recitar as palavras *tehilot Lael* (*ashkenazim*: *Leèl*) *elyon* deverá levantar-se e dar

três passos para trás.

Quando recitar a *berachá* de *Gaal Yisrael* já deverá ter dado os três passos para frente a fim de, ao concluí-la, iniciar imediatamente a *Amidá*.

A *Amidá* deve ser iniciada imediatamente em seguida a *Baruch Atá Hashem gaál Yisrael*, não devendo haver nenhum tipo de interrupção mesmo que silenciosa.

Deve recitar toda a *Amidá* com os pés juntos, um ao lado do outro.

Não se deve rezar na frente de fotografias, quadros ou desenhos, pois estes atrapalham a *cavaná* (a intenção). Se percebeu depois que já deu início à *Amidá*, deverá desviar os olhos deles.

É proibido rezar na frente de um espelho mesmo com os olhos fechados.

Procedimento ao Curvar-se

a) *Sefaradim*:

- Ao recitar o primeiro “*baruch*”, dobrar o corpo para frente até as vértebras ressaltarem nas costas.

- Ao recitar “*Atá*”, abaixar a cabeça.

- Ao recitar “*Hashem*” ficar ereto na seguinte ordem: primeiro o corpo e depois a cabeça.

b) *Ashkenazim*:

- Ao recitar o primeiro “*baruch*”, dobrar os joelhos.

- Ao recitar “*Atá*”, curvar o corpo para frente até as vértebras ressaltarem nas costas. Não exceder mais que isso.

- Antes de recitar “*Hashem*”, ficar ereto.

Em relação a *Modim*, vide adiante.

Intenção

É de suma importância ter *cavaná* (pensar na tradução das palavras) em todas as bênçãos da *Amidá*. Se não conseguir ter *cavaná* em todas, deverá pelo menos ter *cavaná* na primeira *berachá* (*Avot*) e também no *Modim*. Deve

ter em mente que a *Shechiná* (a presença Divina) está à sua frente, e deve afastar todos os pensamentos que o importunam para que sua intenção fique exclusiva e nítida para a *tefilá* (veja adiante o significado das palavras).

Se percebeu antes de dizer “*Hashem*”, de *Baruch Atá Hashem maguen Avraham*, que não teve *cavaná* nesta primeira *berachá*, deverá retomar de *Elokê Avraham* e nunca do início da *berachá*. Porém, se lembrou depois de ter mencionado o nome de *Hashem* da *berachá* de *Maguen Avraham*, deverá seguir adiante não podendo repetir a *Amidá* por causa disso. Nesta situação deverá ter em especial uma melhor *cavaná* no trecho de *Modim*.

É correto saber a tradução da *Amidá* para poder entender o que se está dizendo e, pelo menos, saber a tradução da *berachá* de *Avot* e de *Modim* (vide a tradução a seguir).

Pronúncia

Deve cuidar para pronunciar corretamente as palavras. Muitas palavras são facilmente confundidas por outras semelhantes, o que pode alterar o sentido da *tefilá*.

Deve sussurrar as palavras articulando-as para que ele mesmo possa ouvi-las, não falando nem alto demais para atrapalhar seu vizinho nem tampouco ler somente com os olhos sem mexer os lábios e pronunciar as palavras.

Outros Detalhes

Ao recitar “*baruch*” de *Maguen Avraham*, curvar-se, conforme procedimento descrito acima.

Nos Dez Dias de *Teshuvá* (de *Rosh Hashaná* até *Kipur*) a *berachá* de *Atá Cadosh* é finalizada com *hamêlech hacadosh* em vez de *Hael hacadosh*.

Os *ashkenazim* costumam bater com o punho cerrado sobre a região

do coração quando recitam as palavras “*chatánu*” e “*fashánu*” (no parágrafo *Selach Lánú*).

Nos Dez Dias de *Teshuvá* a *berachá* de *Hashiva Shofêtenú* é concluída com *hamêlech hamishpat* em vez de *mêlech ohev tsedacá umishpat*.

Em dias de jejum, quem estiver jejuando deve acrescentar em *Shomea Tefilá* o trecho de *Anênu*.

O procedimento ao recitar *Modim Anáchnu Lach* é o seguinte:

- *Ashkenazim*: Curva-se o tronco para frente sem dobrar os joelhos. Fica-se ereto antes de pronunciar o nome de *Hashem*.

- *Sefaradim*: Curva-se o corpo para frente, depois a cabeça, e ao pronunciar o nome de *Hashem* levanta-se o corpo e depois a cabeça.

Ao findar a *Amidá* (depois do último *Yihyu Leratson*), dar três passos para trás com o tronco curvado para frente (da mesma forma que curvou-se em *Modim*, por exemplo) da seguinte forma: iniciar o primeiro passo para trás com o pé esquerdo, sendo que o polegar deve chegar até a linha do calcanhar direito. O segundo passo é feito com o polegar do direito chegando até a linha do calcanhar esquerdo. Por último, o terceiro passo consiste somente em juntar o pé esquerdo ao direito. Depois disso deve-se dizer *Ossê shalom bimromav* curvando-se para o lado esquerdo, *Hu (verachamav) yaasê shalom alênu* curvando-se para o lado direito e *veal col amô Yisrael veimru amen* curvando-se para frente.

Deve cuidar em falar as palavras *alênu veal col amô Yisrael* sem nenhuma pausa entre *alênu* e *veal col amô Yisrael*, apesar de na primeira palavra estar curvado para a direita e nas outras estar curvado para frente. O correto é fazer a pausa depois de “*shalom*” (antes de *alênu*).

Cada pessoa deve se esforçar ao

máximo para rezar numa sinagoga e com *minyán*, pois o Criador não rejeita a oração do *tsibur*. Caso não possa rezar na sinagoga por motivo de força maior, deverá programar sua *tefilá* para que coincida no mesmo horário que o *tsibur* estiver rezando.

A Primeira Bênção

O Significado da primeira bênção da *Amidá* é o seguinte:

Baruch atá - A fonte das bênçãos, Tu (Criador)

Hashem - No passado, no presente e no futuro

Elokênu - Enérgico e poderoso

Velokê avotênu - O D'us de nossos antepassados e somos obrigados a servi-Lo de coração pleno

Elokê Avraham - Yitschac - Yaacov - Nossos patriarcas sobre os quais D'us designou sua Divindade

Hael - Que possui a qualidade da Bondade (*chêssed*)

Hagadol - A qualidade da Misericórdia (*rachamim*)

Haguibor - A qualidade da Justiça

Vehanárá - Associação da Justiça com a Misericórdia

El elyon - Acima de qualquer conceito ou pensamento

gomel chassadim tovim - Faz-nos o Bem como se fosse um pagamento para não nos envergonharmos por estarmos recebendo sem merecermos

conê hacol - Dá a cada um o que lhe cabe

vezocher chasdê avot umevi goel - Por mérito de nossos patriarcas nos trará o redentor (*goel*)

lemáan Shemô - Seu Nome paira sobre o Povo de Israel

beahavá - Faz-nos tudo pelo Seu intenso amor por nós

Mêlech - Seu reinado sobre todos nós

ozer - Ajuda o homem, pois apesar de Seu esforço, este não tem condições

de suprir suas necessidades com suas forças limitadas – o resultado final sempre depende do Criador

umoshia - Salva, mesmo quando o homem nada pode fazer para tentar resolver seus problemas

umaguen - Protege de maneira sobrenatural

maguen Avraham - Protege acima da natureza.

Algumas Bênçãos Intermediárias
As bênçãos intermediárias da *Amidá* seguem o seguinte critério:

Atá Chonen Leadam Dáat - Pede-se inteligência e sabedoria, que são imprescindíveis ao homem para que possa saber escolher o bem e rejeitar o mal.

Hashivênu Avínu Letoratecha - Pede-se pela *teshuvá* logo depois do pedido da sabedoria, pois com ela (com a inteligência) a pessoa reconhece seu erro. Pede-se ao Criador, nesta bênção, que contenha o nosso instinto negativo.

Selach Lánu - Após a *teshuvá* deve-se pedir perdão pelos pecados cometidos.

Reê ná Veonyênu e Refaênu - Pede-se a redenção (que virá com o *Mashia-ch*) e depois a cura, pois todo o tempo que a pessoa estiver com sofrimentos não estará recuperada de sua doença. O principal é pedir ao Criador que nos cure para que estejamos sadios e fortes para podermos estudar a *Torá* e cumprir as *mitsvot* de forma adequada.

Barech Alênu - É a bênção sobre o sustento. Vem depois de *Refaênu*, pois enquanto a pessoa não possui saúde não tem tranquilidade para pedir sustento. Quando curada, então, pede pelo seu sustento para poder suprir as necessidades de seu corpo e de seu espírito. É necessário ter como intenção nesta bênção que o Criador nos proporcione o sustento de forma tranquila e suave e não por intermédio de sofrimentos. Que possamos adqui-

ri-lo de maneira honesta e honrada, não precisando transgredir nenhum mandamento.

Modim

O significado de *Bircat Modim* na *Amidá* é o seguinte:

Modim - Reconhecemos com gratidão

Sheatá (ashkenazim: Shaatá) hu Hashem Elokênu - Quiseste que o nome de Tua Divindade se aplicasse sobre nós

tsur chayênu - De Ti foram extraídas nossas almas

nodê Lechá... al chayênu hamesurim beyadecha - Agradecemos a Ti por nossas vidas estarem entregues em Tuas mãos

unsaper tehilatecha - E relataremos Teu louvor por nossas almas que estão confiadas em Tuas mãos

al nissecha - Sobre Teus milagres vistos

veal nifleotecha - Sobre Teus milagres ocultos

êrev vavôker vetsahoráyim - Agradecemos a Ti ao entardecer, ao amanhecer e ao meio dia

hatov - Tu és o verdadeiro Bom

ki lô chalu rachamecha - Independentemente de estarmos ou não usufruindo ainda hoje dos méritos de nossos patriarcas, Tua misericórdia para conosco não termina

kivínu Lach - Nossa esperança, pois Tua piedade e bondade não têm fim

veal culam - Teu nome está acima de todas as orações e agradecimentos
vechol hachayim ioducha - Todos os que vivem Te agradecerão

hatov Shimchá - As bondades são de Teu grande nome

Ulcha naê lehodot - E a Ti é digno de louvar, pois Teus bens são o máximo de bondade.

Do livro “Leis da Orações”.

Todas as fontes pesquisadas são citadas na referida obra.

Desvio de Atenção na Refeição e Leis do Hóspede

Rabino I. Dichi

Após fazer máyim acharonim

1. A partir do momento em que se faz *máyim acharonim* ao terminar uma refeição com pão, não se pode mais comer nem beber – mesmo se fizer *berachá* – até depois do *Bircat Hamazon*.

2. Após fazer *máyim acharonim*, não se deve mais conversar e deve-se recitar *Bircat Hamazon* em seguida.

Entre máyim acharonim e Bircat Hamazon

3. Caso o indivíduo tenha sido obrigado a falar entre *máyim acharonim* e *Bircat Hamazon*, deverá fazer *máyim acharonim* novamente antes de recitar o *Bircat Hamazon*.

Quando tiver declarado “Vamos recitar o *Bircat Hamazon*”

4. Quando tiver declarado “Vamos recitar o *Bircat Hamazon*”, não poderá mais comer até depois do *Bircat Hamazon*.

E se quiser beber depois de ter declarado “Vamos recitar o *Bircat Hamazon*”, terá de recitar *Shehacol Nihyá Bidvarô*.

Decidiu não beber mais e voltou atrás

5. Se o indivíduo decidiu não beber mais, mesmo que não tenha declarado “Vamos recitar o *Bircat Hamazon*”, e depois voltar atrás e quiser beber, deverá recitar a *berachá* apropriada sobre o líquido.

Leis do hóspede

6. Um hóspede que tenha declarado “vamos fazer *Bircat Hamazon*”, poderá continuar comendo, enquanto o dono da casa não disser “vamos fazer *Bircat Hamazon*”.

7. Porém se o hóspede fizer *máyim acharonim*, terá de recitar o *Bircat Hamazon* imediatamente e só poderá voltar a comer após recitar o *Bircat Hamazon*.

8. Se ao declarar “vamos recitar o *Bircat Hamazon*”, o hóspede cogitou que mesmo se o dono da casa insistir que ele coma mais, decididamente não comerá, só poderá voltar a comer após recitar o *Bircat Hamazon*. Se quiser beber, terá de recitar *Shehacol Nihyá Bidvarô*.

9. Caso o dono da casa declarar “vamos recitar o *Bircat Hamazon*” e os hóspedes concordarem, estarão impedidos de comer mais. Porém se o hóspede cogitou seguir comendo e bebendo

quando o dono da casa declarou “vamos recitar o *Bircat Hamazon*” poderá continuar comendo.

10. Quando um hóspede fizer uma *berachá* de determinada espécie (por exemplo: *Borê Peri Haets* sobre uma maçã), quaisquer outras frutas de árvore que vierem a lhe ser servidas depois, estarão isentas com essa *berachá*; portanto, não deverá repeti-la. O mesmo se aplica sobre outras *berachot*: se o hóspede recitar *Shehacol Nihyá Bidvarô* sobre algum líquido, todos os outros líquidos e todos os alimentos cuja *berachá* é *Shehacol* – que vierem a lhe ser servidos – estarão isentos com essa *berachá*.

11. Quando o hóspede recitar a *berachá* de *Borê Peri Haets* sobre uma fruta de árvore como maçã, pêra, laranja, mexerica, e depois lhe servirem uma das cinco frutas sobre as quais *Êrets Yisrael* foi louvada (azeitona, tâmara, uva, figo, romã) também não deverá repetir *Borê Peri Haets*.

12. Quando o hóspede fizer *Borê Peri Haguêfen* sobre o vinho e depois lhe servirem outros líquidos cuja *berachá* é *Shehacol*, não terá de recitar a *berachá* de *Shehacol*, pois a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen* isenta os outros líquidos.

Porém se o hóspede recitar *Shehacol* sobre algum líquido ou alimento cuja *berachá* é *Shehacol* e depois lhe

servirem vinho, deverá fazer a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen*, pois sobre o vinho foi instituída uma *berachá* exclusiva.

O marido é considerado hóspede

13. O marido é considerado hóspede em relação às *halachot* citadas acima. Portanto, quando recitar uma *berachá* para determinado alimento e depois sua esposa lhe servir outros alimentos cuja *berachá* seja a mesma, ele não deverá pronunciá-la novamente.

14. As leis do hóspede descritas nos parágrafos 9 - 12 aplicam-se também aos *bachurê yeshivá*. Quando eles recitarem alguma *berachá* para determinado alimento e depois outros alimentos lhe forem servidos, cuja *berachá* seja a mesma, não será necessário fazer a *berachá* novamente.

15. Porém, ao dizer “Vamos recitar o *Bircat Hamazon*”, o marido (em sua casa), não poderá mais comer antes de terminar o *Bircat Hamazon*.

Convidados em festas

16. Quem estiver convidado a alguma festa, seja ela em casa particular, ou em salão de festas, terá as mesmas leis de hóspede descritas nos parágrafos 9 a 12.

do livro “*Veten Berachá*”
de autoria do Rabino Isaac Dichi

ESTRELA
Aviamentos

**Desejamos muita saúde,
brachot e alegrias
para toda Kehilá.**

Fitas Elásticas Estrela Ltda
Rua João Roberto, 580
Cidade Industrial de Cumbica
CEP 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel.: (11) 2142-7277
e-mail: estrela@estrela.ind.br
www.estrela.ind.br

NASCENTE

A revista *NASCENTE* contém
termos sagrados.
Por favor,
trate-a com respeito.

**Albert Choueke
e família**

Parabenizam a
Congregação Mekor Haim
pelo belíssimo trabalho de
divulgação da nossa
sagrada Torá

A confiabilidade dos
anúncios desta publicação
é de inteira responsabilidade
dos anunciantes, não
cabendo responsabilidade à
diretoria da Congregação
ou a seus associados.

NASCENTE

**Edmond Khafif
e filhos**

Parabenizam a
Congregação Mekor Haim
pela divulgação dos valores
judaicos e desejam paz
e saúde para todo
Am Yisrael.



Flores e Plantas

Adubo I: A água que ferveu os ovos e a água que se desprende do peixe congelado são ótimos adubos para as plantas, pois contêm sais minerais.

Adubo II: A borra do café também serve para adubar as plantas.

Alho: Para fazer novas mudas de alho, você só precisa destacar os bulbos de um dente de alho já com raiz e colocá-los em terra comum de jardim. O alho pode ser cultivado, inclusive, em vaso. Na hora de plantar, cuide de colocar apenas a metade dos bulbos na terra. Em cerca de 90 dias eles estarão prontos para a colheita.

Bambu: As touceiras de bambu

tendem a alastrar-se rapidamente no local em que estão plantadas. Para evitar isso, você deve enterrar, bem próximo às mudas de bambu em desenvolvimento, algumas chapas de fibrocimento de uns 30cm de altura.

Botões de rosas: Se os botões das rosas estiverem muito fechados, coloque um pouco de açúcar no vaso para abri-los.

Conservar I: Mantenha as flores em local fresco, longe de eletrodomésticos, luz solar direta, ventos quentes ou frios.

Conservar II: Use um conservante floral industrializado ou improvisado, como melhoral, aspirina ou vinagre

(cuidado o excesso pode prejudicar). A troca diária de água e o uso destes produtos impedem que as flores murchem pela ação das bactérias.

Conservar III: Para suas flores durarem mais nos vasos com água, corte um pedaço do cabo todos os dias e ponha água gelada nos vasos.

Conservar IV: Para manter suas flores sempre bonitas, corte a ponta dos cabos de cada flor em baixo da água. Esse processo evita a entrada de ar nas células do caule e o consequente bloqueio da absorção de água e nutrientes. Depois de cortar a ponta dos cabos, coloque as flores num vaso limpo cheio de



água morna. Retire todas as folhas que ficarem abaixo da linha da água. Troque a água toda vez que ela ficar turva. Se as rosas murcharem, corte outra vez os cabos embaixo da água e mergulhe totalmente as flores num recipiente com água morna por 45 minutos.

Conservar V: Se puder, borrife as plantas com água para mantê-las frescas e hidratadas.

Crisântemos: Para que os crisântemos durem mais tempo em um vaso com terra, coloque uma colherzinha de açúcar na água ao regar.

Espanja floral: Se o arranjo de flores vier em uma esponja floral, molhe-a

o suficiente para que a esponja fique numa lâmina de água.

Fora da água: Cuidado. A cada 15 minutos fora da água, a sua rosa perde um dia de vida.

Lesmas: Se quiser afastar lesmas das suas plantas, coloque perto delas rodela de batatas ou um recipiente pequeno com cerveja.

Moscas: As moscas deixarão as plantas em paz se plantarmos alguns galhinhos de hortelã nos vasos. Elas não suportam o cheiro.

Piolhos: Elimine os piolhos das roseiras pulverizando as plantas atacadas pela praga com água em que se

dissolveu tabaco.

Rosas: Para suas rosas durarem mais tempo (de 8 a 10 dias), coloque na água uma colher de bicarbonato de sódio – apenas uma colher de sopa para cada litro de água.

Tijolos: Se precisar, deixe suas plantas em cima de tijolos molhados. As plantas absorvem naturalmente a água que necessitam.

Transportando mudas: Uma muda de planta pode ser transportada de um lugar ao outro sem murchar com a ajuda de uma simples batata. A umidade da polpa da batata cuidará para que a planta chegue ao local definitivo com vigor.

Pensamentos

Duas são as maiores coisas
que se pode dar às crianças: raízes e asas!

Podemos escolher o que semear, mas somos
obrigados a colher aquilo que plantamos.

Não reze suplicando cargas mais leves,
e sim ombros mais fortes.

Se você se sente só é porque
construiu muros em vez de pontes.

Se não puder se destacar pelo talento,
vença pelo esforço.

Você quer ser feliz por um instante? Vingue-se!

Você quer ser feliz para sempre? Perdoe!

Av⁵⁷⁸¹

10 de Julho de 2021 a
08 de Agosto de 2021

ROSH CHÔDESH

Sábado, 10 de julho.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.
Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.
Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.
Acrescenta-se a oração de Mussaf.

JEJUM - TISH'Á BEAV

Início: Sábado, 19 de julho, às 17h38m.
Término: Domingo, 20 de julho, às 18h05m.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi): Sexta-feira, 16 de julho,
a partir das 18h07m (horário para São Paulo).
Final: Sábado, 24 de julho, às 5h35m (horário para São Paulo).

TU BEAV

Sábado, 24 de julho.

Não se fala Tsidcatechá em Minchá.

Elul⁵⁷⁸¹

09 de Agosto de 2021 a
06 de Setembro de 2021

ROSH CHÔDESH

Domingo e Segunda-feira, dias 8 e 9 de agosto.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.
Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.
Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.
Acrescenta-se Mussaf.

SELICHOT - PRIMEIRO DIA

Sefaradim: Terça-feira, 10 de agosto.

Ashkenazim: domingo, 29 de agosto (no primeiro dia, costumam recitar selichot a partir de chatsot, o meio da noite de sábado)

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):
Domingo, 15 de agosto, a partir das 18h20m (horário para São Paulo).
Final: Segunda-feira, 23 de agosto, até as 00h05m (em São Paulo).

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

23 de julho	-	17h20m	03 de setembro	-	17h36m
30 de julho	-	17h25m	06 de setembro	-	17h37m
06 de agosto	-	17h27m	07 de setembro	-	a partir de 18h38m
13 de agosto	-	17h29m	10 de setembro	-	17h39m
20 de agosto	-	17h31m	15 de setembro	-	17h40m
27 de agosto	-	17h34m	17 de setembro	-	17h41m

PARASHAT HASHAVUA

17 de julho	-	Parashat: Devarim Haftará: Chazon Yesha'yáhu Ven Amots
24 de julho	-	Parashat: Vaetchanan Haftará: Nachamu Nachamu Ami
31 de julho	-	Parashat: Ekev Haftará: Vatômer Tsiyon Azaváni Hashem
07 de agosto	-	Parashat: Reê Haftará: Aniyá Soará Lô Nuchama
14 de agosto	-	Parashat: Shofetim Haftará: Anochi Anochi Hu Menachemchem
21 de agosto	-	Parashat: Ki Tetsê Haftará: Roni Acará
28 de agosto	-	Parashat: Ki Tavô Haftará: Cúmi Ôri
04 de setembro	-	Parashat: Nitsavim Haftará: Sôs Assis Bashem
11 de setembro	-	Parashat: Vayêlech Haftará: Shuva Yisrael

HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit: De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin),

06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos sábados - 08h00m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h15m (infanto-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.

Minchá: De domingo a quinta - 20 min. antes do pôr do sol.

Arvit: De domingo a quinta - 05 min. após o pôr do sol.

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT			
16 de julho	-	17h18m	17 de julho	-	16h30m
23 de julho	-	17h20m	24 de julho	-	16h30m
30 de julho	-	17h25m	31 de julho	-	16h30m
06 de agosto	-	17h27m	07 de agosto	-	16h35m
13 de agosto	-	17h29m	14 de agosto	-	16h40m
20 de agosto	-	17h31m	21 de agosto	-	16h40m
27 de agosto	-	17h34m	28 de agosto	-	16h40m
03 de setembro	-	17h36m	04 de setembro	-	16h45m
10 de setembro	-	17h39m	11 de setembro	-	16h50m
17 de setembro	-	17h41m	18 de setembro	-	16h50m



“Gordo”

CHAYIM WALDER

Meu nome é Avi.

Sou gordo!

Quando eu ainda estava no jardim de infância, já cantavam gritando para mim: “O Aaavi é goordo!”... E eu me ofendia. Isso me deixava realmente triste.

Quando entrei na escola pararam de cantar assim. Mas, quando alguém queria me ofender, exclamava: “Sai daqui, seu gordo!”.

E eu não tinha o que responder...

Numa certa época tentei emagrecer. Fiquei quase sem comer. Foi muito, muito difícil. E continuei gordo.

Passou um tempo e as outras crianças da escola acabaram se acostumando comigo e com minha barriga. Quase não sentiam mais que eu era diferente. Mas eu, quando me olhava no espelho, via que nada mudara – eu continuava igualmente gordo.

Sou bastante bom nos estudos. Não sou o melhor aluno da classe, mas tiro notas muito boas. Presto atenção durante as aulas e tento estudar com dedicação em casa.

Não sei por que, mas as crianças gostam de mim. Talvez porque eu pareça grande, assim como... Como o pai delas. Talvez elas até se sintam um pouco protegidas quando estão comigo...

Todos dizem que tenho um bom coração. Eu também sinto isso. Quanto mais me elogiam, mais eu sinto que tenho boas virtudes.

Não odeio ninguém! Pelo contrário, sou amigo de todo mundo. Há até algumas crianças que me procuram para contar seus segredos e alguns de seus problemas. Eu tento ajudá-las quando posso. E mesmo quando não posso, elas ficam um pouco aliviadas só de se abrirem comigo. Eu me sinto bem de ajudar desta forma e de ser considerado uma pessoa de confiança por meus amigos.

É engraçado mas, às vezes, a gordura me ajuda. Certa vez, quando estávamos num passeio, alguns garotos grandes vieram bater na gente. Logo, meus amigos começaram a chamar: "Avi, Avi!". Quando me aproximei, os garotos grandes só olharam para mim e saíram correndo...

Minha casa está sempre cheia de amigos.

Estou sempre alegre, dando risada e fazendo os outros rirem. Se alguém ri da minha gordura, sabem o que eu faço? Simplesmente acrescento algumas piadas sobre mim mesmo... Aí a outra pessoa fica confusa. Percebe que a zombaria não me ofende, de forma alguma.

Mas cá entre nós, isso me incomoda sim...

Eu quero ser magro, como todo mundo. Mas, na verdade, este é apenas um pequeno problema meu. Que eu nunca tenha problemas mais graves... E por enquanto, estou feliz com o que sou e tenho!

*Tradução de Guila Koschland Wajnryt – Permissões exclusivas para a NASCENTE
Chayim Walder em "Yeladim Messaperim al Atsmam",
baseado em cartas recebidas de crianças.*



HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

**Kissuim
Imperdíveis!**

Garanta
já os
seus!

Telefone: 94168-5077



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l

Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Simon Alouan ben Guilsome z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Renée Khafif bat Emily z"l

Shlime bat Feigue z"l

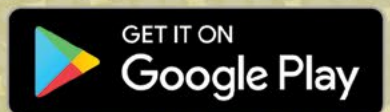


APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!



Leiluy Nishmat
Sr. Charles Cohab Z"L
Sr. Alberto Douer Z"L



Bank Cainvest

www.cainvest.com